

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA**

**TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO TÊXTIL**

**KARINA CAMARGO DE ANDRADE**  
Daives Arakem Bergamasco

**MARIA ANTONIETA: A PRIMEIRA *TRENDSETTER* DA  
HISTÓRIA.**

**AMERICANA/SP**  
**2012**

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA  
KARINA CAMARGO DE ANDRADE**

**MARIA ANTONIETA: A PRIMEIRA *TRENDSETTER* DA HISTÓRIA.**

**Trabalho apresentado à  
Faculdade de tecnologia de  
Americana como parte das  
exigências do curso de  
Produção Têxtil para obtenção  
do título de tecnólogo em  
Produção Têxtil.**

**Orientadora: Daives Arakem Bergamasco - Especialista**

**AMERICANA/SP  
2012**

**Karina Camargo de Andrade RA 0040081013022**

**MARIA ANTONIETA: A PRIMEIRA TRENDSETTER DA HISTÓRIA.**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo no curso de Produção Têxtil da Faculdade de Tecnologia de Americana.

**Banca Examinadora**

**Orientador:** \_\_\_\_\_  
Daives Arakem Bergamasco, Especialista, Fatec Americana

**Professor da Disciplina:** \_\_\_\_\_  
José Fornaziero Camargo Sampaio, Mestre, Fatec Americana

**Professor Convidado:** \_\_\_\_\_  
Maria Adelina Pereira, Mestre, Fatec Americana

**Americana 28/11/2012**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço infinitamente aos meus pais que me apoiaram e me incentivaram, acompanhando-me nessa jornada desde muito pequena sempre com muito carinho, amor e dedicação.

Sem dúvidas, sou grata a meu querido orientador Daives, que além de ser um grande professor se tornou um grande amigo. Muito obrigada pela atenção, paciência e contribuição.

Aos meus amigos, em especial Adriano e Juliane pelas palavras de apoio e estímulo. Também ao Sérgio, que desde o início desse TCC, esteve presente, sempre oferecendo dicas e conselhos.

E a querida Maria Alice Ximenes, que se tornou grande fonte de inspiração para a minha vida.



*“Maria Antonieta revolucionou a moda de seu tempo. Mais do que isso revolucionou seu tempo através da moda.”*

*Caroline Weber*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estabelecer as relações entre a última rainha da França que viveu no século XVIII, Maria Antonieta com mulheres públicas e atuantes no poder dos dias atuais e das décadas passadas. Maria Antonieta durante sua vida realizou diversas mudanças na moda, inventando e reinventando estilos, as quais foram intensamente copiadas pelas mulheres da França e também de outros países. Desta forma cabe a ela o título de *trendsetter* ou lançadora de tendências. Hoje e em décadas passadas, diante do termo *inglês trendsetter*, percebe-se a relação através da moda de rainhas, primeiras-damas, presidentes com Maria Antonieta, concluindo que mesmo com o passar dos anos, a atitude dessas mulheres continuam praticamente a mesma.

**Palavras-chave:** Maria Antonieta. Moda. *Trendsetter*.

## ABSTRACT

The main goal of this essay is to establish a connection between the last queen the French kingdom had, Maria Antonieta, alive on the XVIII century, with public figures and influent women of the present times. During her lifetime, Maria Antonieta had performed and provoked several changes on the fashion world, inventing and reinventing styles that were extremely copied by women, in France and worldwide. Therefore, the "trendsetter" or "trend creator" statuses belongs to her. Nowadays and in the past decades, the "trendsetter" term is clearly perceived as a key connector between queens, first-ladies and female presidents and Maria Antonieta in fashion terms, concluding that as so many years passed, these women's attitudes remains the same.

**Key-words:** Marie Antoinette. Fashion. Trendsetter.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. VIDA DE MARIA ANTONIETA</b> .....	12
2.1. <b>COMO TUDO COMEÇOU</b> .....	12
2.2. <b>OS PRIMEIROS CONTATOS COM A ARTE E MODA</b> .....	13
2.3. <b>PRINCÍPOS DE UMA REVOLUÇÃO</b> .....	18
<b>3. MARIA ANTONIETA E SUAS REVOLUÇÕES NA MODA</b> .....	21
3.1. <b>PRIMEIROS PASSOS</b> .....	21
3.2. <b>RAINHA E SUAS TENDÊNCIAS</b> .....	24
3.3. <b>O POUF</b> .....	28
3.4. <b>COR DE PULGA, AS POUPEÉ DE MODE E A REVOLTA</b> .....	33
3.5. <b>A REVOLUÇÃO DA SIMPLICIDADE</b> .....	37
<b>4. ESBOÇO DO FIM</b> .....	45
4.1. <b>SÓBRIO FIM</b> .....	48
<b>5. MARIA ANTONIETA COMO LANÇADORA DE TENDÊNCIAS</b> .....	53
5.1. <b>MARIA ANTONIETA: A TRENDSETTER DO SÉCULO XVIII</b> .....	54
5.1.1. <b>CALÇAS DE MONTARIA</b> .....	55
5.1.2. <b>ROSE BERTIN E AS PANDORAS</b> .....	57
5.1.3. <b>RAINHA DO ROCOCÓ</b> .....	58
5.1.4. <b>MARIA ANTONIETA E AS “REVISTAS” DE MODA DO SÉCULO XVIII</b> .....	59
<b>6. MARIA ANTONIETA E AS MULHERES DA POLÍTICA ATUAIS</b> .....	62
6.1. <b>JACQUELINE KENNEDY: SUBLIME ELEGÂNCIA</b> .....	62
6.2. <b>LADY DIANA: ÍCONE FASHION DAS DÉCADAS DE 80 E 90</b> .....	65
6.3. <b>MICHELLE OBAMA E KATE MIDDLETON: ÍCONE FASHION DA POLÍTICA DOS TEMPOS ATUAIS</b> 68	
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	75

# 1. INTRODUÇÃO

Maria Antonieta desde sua coroação como rainha da França se consolidou com uma personagem icônica. Atravessou gerações com a sua história marcante e além de ser lembrada como a última rainha francesa que teve um triste fim, até os dias atuais ela permeia as mentes e corações dos amantes de moda.

Ser a última soberana de um reino, que logo se submeteria em uma revolução pela democracia, é realmente um papel a ser para sempre lembrado, mas Maria Antonieta, com seu estilo revolucionário, conseguiu se sobressair a este seu título através de sua ferramenta favorita: a moda.

Desde muito nova ela fora interessada pela moda. Amava brincar com suas *poupées* – boneca em francês – e seu passatempo favorito era vesti-las com inúmeros pequenos vestidos elegantes. Com 14 anos, a jovem nascida austríaca mudou-se para o palácio de Versalhes com a missão de casar-se com o futuro rei da França, Luís XVI, e selar a paz entre esses dois países que possuía relações hostis. Obviamente, ela sofreu com a frivolidade dos franceses que não desejavam uma rainha austríaca para o reino francês.

A inimizade e a falta de voz em um país forâneo foram os fatores que levaram Maria Antonieta aliar-se com a moda. Através desta, ela demonstrava ao povo que ela era a rainha e que sendo assim ela poderia fazer o que bem entendesse.

Do traje de montaria masculino que exibia nas caçadas reais às peles brancas e aos diamantes que apreciava para passeios de trenó, e dos penteados monumentais que ostentava nos lugares mais elegantes de Paris aos disfarces intrincados que usava para bailes a fantasia em Versalhes, as surpreendentes modas que Maria Antonieta lançou revelaram-na como mais do que apenas uma esposa inadequada ou o símbolo de um esforço diplomático fracassado. (WEBER 2008, P.13)

Através do seu estilo revolucionário ela se firmou na França e também no mundo. Com a sua moda irreverente e única, ela despertou nas mulheres o desejo de ser como a rainha, criando assim um mercado onde os produtos eram baseados no estilo da de Maria Antonieta. Todos desejavam o que ela vestia e toda nova atitude, roupa, penteado, acessório que ela desfilava por Versalhes tornava-se instantaneamente uma nova tendência. Desta forma, é intrínseco à Maria Antonieta o título de *trendsetter*, ou no português “lançadora de tendências”.

A icônica rainha da França viveu no século XVIII e moda é de fato algo efêmero, porém o comportamento de tal figura ainda reflete nos dias atuais. Hoje, mais do que nunca a moda é influenciada pelos lançadores de tendências. E desde Maria Antonieta, muitas mulheres públicas e atuantes no poder se sobressaem como *trendsetters*.

Desta forma, este trabalho visa estabelecer uma relação entre o papel como lançadora de tendências que Maria Antonieta exerceu durante sua vida na França do século XVIII com mulheres da política das décadas passadas até as atuais, como primeiras-damas, rainhas, que também são *trendsetters* e tiveram grande influência na moda enquanto exerciam sua função. Além de ressaltar a importância de Maria Antonieta na história da moda.

## 2. VIDA DE MARIA ANTONIETA

### 2.1. COMO TUDO COMEÇOU

Questões de vestuário e aparência sempre foram temas centrais para a existência de Maria Antonieta.

A saga de Maria Antonieta inicia-se em Viena, na Áustria. No dia 2 de novembro de 1755, a imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico, Maria Teresa, deu a luz ao seu 15º bebê, uma menina pequena saudável. A criança era Maria Antônia Josefa Johanna von Habsburg-Lothringen, fruto da união de Maria Teresa com o imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Francisco I.

Desde muito nova, Maria Antonieta já possuía uma boa parte do seu futuro traçado. Isto se deve a fatores históricos de muitos séculos, no qual sua mãe, Maria Teresa, que além de ser imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico, era também arquiduquesa da Áustria e integrante dos Habsburgos, uma das famílias mais importantes e influentes da história da Europa, tentara resolver.

Durante inumeráveis séculos, os Bourbons, outra família importante na história da Europa que detiveram durante os séculos XVI e XVII reinos: como França, Itália e Espanha; e os Habsburgos, travaram uma guerra pela supremacia da Europa. A Áustria, dominado pelos Habsburgos, e a França, liderada pelos Bourbons, sempre mantiveram relações hostis. Um bom exemplo que ilustra essa desavença foi a Guerra da Sucessão Austríaca, em que a França apoiara e lutara juntamente com um dos maiores inimigos de todos os tempos da Áustria, a Prússia. Entretanto, apesar dos incontáveis anos de guerra entre essas duas famílias, elas decidiram por fim, negociarem um pacto onde laçassem a paz.

Inicialmente, esse pacto envolvera somente o âmbito defensivo dos países da Áustria e França. Esta nova aliança dizia a respeito que caso um dos dois países fosse atacado, o outro viria em ajuda com um exército de 24 mil homens. Porém, este se mostrou por completo desastroso, pois com a Guerra dos Sete-

Anos (1756-63), a Grã-Bretanha, antiga inimiga da França, obteve majestosa vitória.

Diante de todos esses casos, a representante dos Habsburgos, Maria Teresa, trama um dos mais audaciosos feitos diplomáticos da história para laçar a “amizade” entre essas duas nações.

Com receio de que esse feito fosse mais uma aliança fracassada, a imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico decide laçar a união da França e Áustria através do sangue das duas famílias. Ou seja, ela ofereceu sua filha mais nova, Maria Antonieta, como noiva para o solteiro herdeiro Bourbon da França, Luís XVI, filho do rei Luís XV. Após diversas e delicadas negociações, ambos os países concordaram formalmente com o noivado.

A partir desse ousado noivado proposto por Maria Teresa, sua filha, Maria Antonieta tem grande parte do seu futuro já arquitetado. Porém, jamais desconfiavam que esta pequena e jovem garota seria capaz de revolucionar os paradigmas e tradições aristocráticas. Poucos imaginavam as revoluções que ela causaria em diversos âmbitos sociais e políticos do reino Francês. E ninguém sonhava que após a passagem dela pela França, a moda e sua visão jamais seriam a mesma.

## **2.2. OS PRIMEIROS CONTATOS COM A ARTE E MODA**

Em Viena, mais precisamente na Áustria, Maria Antonieta e seus irmãos sempre vivenciaram as artes.

Desde muito pequenos, eles se reuniam e faziam apresentações cerimoniais de artes e balé na corte, onde nesta última, a pequena Toinette, apelido da pequena futura arquiduquesa da França, quase sempre se sobressaía dos demais. No livro Rainha da Moda: Como Maria Antonieta se vestiu para a



revolução (2008, p.21), a escritora Caroline Weber descreve uma dessas apresentações.

“(…) Quando tinha apenas dez anos de idade, ela, Maximiliano e Fernando (seus dois irmãos com idade mais próximas à sua) haviam dançado um balé para os convidados do casamento do irmão, o arquiduque José, com Josefa de Baviera. Na encantadora pintura que Martin Myten fez do bailado – e que Maria Teresa lhe enviaria a França como uma preciosa lembrança de casa –, a arquiduquesa aparece em uma pose que impressiona pela graciosidade, (...). Sobressaindo-se na dança mais que qualquer outra forma de arte, a filha caçula da imperatriz gravitou assim em tenra idade para uma habilidade que seria decisiva à sua assimilação na França.”

Portanto, nota-se que Maria Antonieta já possuía uma característica em que poderia conquistar a confiança do povo do seu futuro reinado. Porém, ainda faltava um longo caminho para conquista-lo definitivamente, pois na “... refinada e exigente corte de Versalhes, o vestuário era moeda de aceitação social e sobrevivência política.” Talvez uma das atividades favorita da jovem Toinette tenha contribuído para facilitar a conquista do povo francês através do vestuário.

Desde muito nova, Maria Antonieta era fascinada por brincar com bonecas, onde as embelezava e as vestiam da sua maneira. Em um dos quadros pintados em 1762 por sua irmã mais velha, a arquiduquesa Maria Cristina, ela retrata toda a família imperial em um café-da-manhã no dia de São Nicolau. Como nos dias de hoje, no dia de São Nicolau havia a distribuição de presentes para as crianças. Nesta pintura, então, Maria Teresa e sua família estavam representadas de maneira simples e doméstica (contrastando com a refinação e toda formalidade de Versalhes), Maria Antonieta também fora retratada nesse quadro juntamente com um brinquedo – uma boneca, porém o vestuário dessa boneca se diferenciava de todos, pois ela estava trajando o mesmo vestuário que a arquiduquesa, um *robe à la française*, elegante e pomposo vestido.



Quadro da arquiduquesa Marie-Christine (1760) onde retrata Maria Antonieta brincando com sua Pandora. FONTE: ladyreading.net, acesso 14/08/2012

Pode-se parecer um fato inocente, mas nada, além do gosto de se vestir e por roupas, justifica o vestuário de Toinette e sua boneca.

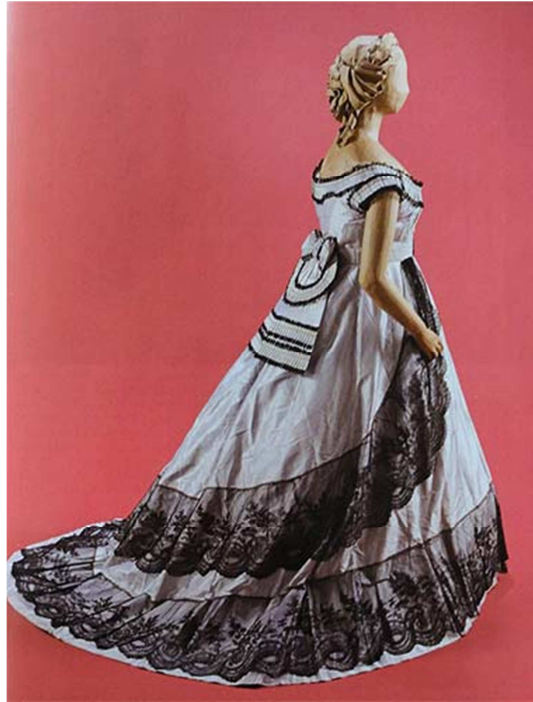
Como dito acima, a predileção por roupas foi essencial para Maria Antonieta conquistar o povo francês.

Antes de ingressar a Versalhes, sua mãe Maria Teresa preparou seu imenso enxoval de casamento para deixar Maria Antonieta prontamente “armada” para seus compatriotas franceses.

A preparação do enxoval fora deveras longa. Aos seus 13 anos, durante vários meses, a futura rainha da França passou por inúmeras sessões com costureiros e chapeleiros parisienses do mais alto padrão do luxo.

Geralmente, estes costureiros levavam suas roupas e tendências através de bonecas de madeira articulada ou de gesso chamadas de *Poupées de Mode* – bonecas da moda, ou comumente conhecidas como Pandora. As Pandoras eram porta-voz das últimas tendências da cidade que já possuía grande fama por sua

moda, Paris. Estas bonecas eram tão influentes que em tempos de guerra de acordo com o historiador Daniel Roche apud WEBER (2008, p.23) “as poupées gozavam de imunidade diplomática, e contavam até com escolta montada para assegurar que chegassem incólumes”.



Robe de bal (1866) Poupée de Mode. Fonte: <http://chambredescouleurs.france-i.com>, acesso em 14/08/2012.

Com a preparação do seu enxoval, inúmeras pandoras chegavam as mãos de Maria Antonieta com a réplica dos trajes suntuosos que ela levaria para Versalhes, os quais são citados pela biógrafa Caroly Erickson apud WEBER (2008, p.23):

Vestidos de baile, vestidos para tarde, roupões e anáguas numa variedade de tons delicados, as sedas bordadas com desenhos florais ou aplicações de fita de seda, as orlas adornadas com grinaldas sinuosas de renda prata e ouro, ... tecidos já superdecorados (adornados) com campos de flores artificiais, plumas, borlas e laços de fitas de seda, rosetas e babados, contas e custosas franjas metálicas.

Como se pode notar, o enxoval era volumoso e majestoso. Todos estes trajes e sua preparação para entrada na corte francesa transformaram a jovem Maria Antonieta em uma pequena *poupée de mode*, a qual funcionaria tanto como um deleite para os franceses como também uma das primeiras lançadoras de tendências internacional. Com fora escrito por WEBER (2008, p.23):

A transformação de Maria Antonieta em numa boneca viva, que respirava, permitiu-lhe participar ativamente da mágica das transformações operadas pelo vestuário e, ao mesmo tempo, sujeitou-a, no sentido mais literal possível, aos padrões exigentes de seus futuros compatriotas.

Além do imenso enxoval preparado pela mãe, a futura rainha da França também passara por transformações físicas com intuito de se assemelhar ainda mais com os franceses.

Uma das transformações mais aparentes e que fora um dos primeiros marcos na vida de alguém que seria tão influente no âmbito da moda foi o seu penteado.

O duque Choiseul, o mais confiável e influente ministro de Luís XV – futuro sogro de Maria Antonieta – foi o responsável em negociar o casamento entre a arquiduquesa da Áustria com o filho do rei francês, Luís XVI. Ademais as negociações, o Choiseul também ficara responsável em cuidar da aparência e postura da pequena princesa austríaca. Uma de suas maiores reticências fora em questão ao penteado de Maria Antonieta, o qual além de ser desprovido de beleza e não realçar o rosto da arquiduquesa, pois somente puxava os cabelos louros avermelhados para trás da testa através de uma áspera faixa de lã, ele causava aparentes manchas calvas ao redor de seu couro cabeludo. Os franceses se incomodavam com o penteado, pois acreditavam que este deixava a testa de Maria Antonieta alta demais.

Para contornar essa situação, Choiseul contratou um famoso cabelereiro francês chamado Larsenneur. Larsenneur criou um penteado, o qual realçava a beleza de Maria Antonieta, além de evitar o aumento da calvície e deixar a testa da arquiduquesa em um tamanho aceitavelmente francês.

Porém, o novo penteado de Maria Antonieta foi além da função de torna-la ainda mais francesa. A recente mudança causou um grande reboliço entre as mulheres de Viena e outros países. Logo, começaram aparecer incontáveis mulheres como o mesmo penteado, o qual domavam os cachos em um toucado baixo, denominado de *à la dauphine*. Assim, a jovem Maria Antonieta com apenas seus 13 anos, marcava uma das primeiras tendências de infinitas outras laçadas durante sua vida.

Todas as transformações físicas e o gasto com o enxoval (o qual totalizou 400 mil libras) não foram feitos pela mãe Maria Teresa sem um propósito. Maria Antonieta ao chegar à Versalhes, pisaria em um território perigoso e delicado. Muitos torciam por sua derrota. Grande parte dos franceses acreditavam que a Áustria era uma das principais culpadas pela derrota da França na Guerra dos Sete Anos, a qual causara inúmeros prejuízos a eles.

Também havia a amante do rei Luís XV, madame Du Barry, a qual foi posta na cama do rei com o intuito de defender e promover os interesses de uma grupo antiaustríaco denominado de “o partido francês”. Neste partido, também havia a ala liderada pelas três irmãs solteiras de Luís XV, as quais nutriam ódio pelo Choiseul e torciam para o fracasso do noivado entre o futuro herdeiro do trono francês e princesa austríaca.

E por fim, um dos maiores futuros problemas que a pequena arquiduquesa enfrentaria seria a falência dos cofres da nação e subjacente a tal evento, o descontentamento do povo. Tal falência fora consequência de inúmeros fatores, como: a Guerra dos Sete Anos; o absolutismo excessivo do governo monárquico e os exagerados gastos e estripulias com amantes, principalmente com madame Du Barry, que o rei Luís XV possuía o deleite de fazer e participar.

Portanto, o grande plano de Maria Teresa seria a conquista de Versalhes através da beleza, elegância, postura e etiqueta de sua filha. Maria Antonieta acima de tudo teria que apaziguar a terra francesa com sua graça e seu guarda-roupa.

### **2.3. PRINCÍPOS DE UMA REVOLUÇÃO**

Maria Antonieta chega à França no dia 6 de maio de 1770. Desde esse dia, a futura rainha da França deixou todo o seu legado e características austríacas

para trás, e passou a adotar toda identidade francesa a fim de conquistar seus futuros compatriotas.

Poucos dias após a sua chegada, mais precisamente em 16 de maio, Maria Antonieta pisa pela primeira vez no território de sua futura casa: Versalhes. Nesse mesmo dia, ocorre a cerimônia e a festa, que seguiria por mais nove dias, de casamento entre Luís XVI e Maria Antonieta.

Durante e após estas celebrações, a delfina – título dado a quem herdava o futuro trono francês – portou-se extremamente elegante e sua beleza hipnotizava todo o povo francês, o qual passou a cultivar simpatia pela ex-arquiduquesa austríaca. Porém, ao mesmo tempo em que as celebrações de sua chegada e seu casamento mostraram aos franceses o potencial da futura rainha da França, também foram o marco onde a avalanche de análises e críticas surgiram à rainha.

Apesar de toda a admiração por sua beleza e postura, os franceses passaram a realizar diversas cobranças cruciais da aristocracia francesa.

Talvez, a maior crítica realizada pelo povo e pela aristocracia se baseava na não consumação do casamento e conseqüentemente um retardo no processo do nascimento do futuro herdeiro francês. Esta crítica, porém a perseguiu durante sete anos quando houve finalmente a consumação, e por mais quatro anos quando pariu um filho homem.

Infelizmente, até o dia em que por fim deu à luz a um menino, Maria Antonieta sofreu enormes retaliações oriundas dos franceses, os quais se opunham considerara-la como realmente a “Filha da França” pelo vasto tempo que levou para parir o futuro herdeiro do trono francês.

Outra grande crítica sofrida por Maria Antonieta baseava na sua relutância em adotar certas tradições aristocráticas.

Por exemplo, em seus primeiros meses em Versalhes, a jovem delfina se irritava com toda burocracia de seu toailete matinal que era composto por diversas longas fases e deveria ser assistido por diversas pessoas que habitavam o palácio de Versalhes. O processo era realmente longo e penoso, caso algum

nobre chegasse atrasado ao toailete de Maria Antonieta, esta deveria se despir novamente e iniciar mais uma vez todo o processo.

Outro grande reboliço negativo causado pela delfina foi a sua aversão pelo uso do corpete de barbatanas de baleia, chamando de *grand corps* na corte francesa. Tal corpete era de uso obrigatório das princesas mais nobres da França, porém ele gerava enorme desconforto em suas usuárias. Dessa maneira, após três meses de casada e apoiada pelas irmãs do Luís XV que queriam dar um golpe na delfina, pois sabiam que sua relutância pelo uso do corpete geraria desaprovação do povo francês, Maria Antonieta abandonou o uso do *grand corps*.

Obviamente, este fato causou grande descontentamento dos franceses que consideravam um ultraje às tradições aristocráticas tal atitude adotada pela futura rainha da França.

Apesar de sua oposição ao uso do corpete, Maria Antonieta resolveu mudar sua posição em relação a isso. Talvez isto tenha acontecido devido as inúmeras cartas em tom preocupante que sua mãe Maria Teresa escrevera com destino a delfina. Em uma dessas inúmeras cartas, Maria Teresa inicia escrevendo: “ Não seja negligente com sua aparência”.

Maria Antonieta, então percebeu que não estava em uma situação onde poderia exigir tais liberdades e relutâncias. Principalmente pelo fato de não ter consumido seu casamento e gerado um herdeiro para o trono francês.

No entanto, como sua mãe sempre havia ensinado e como sempre fora na corte francesa, a etiqueta e indumentária sempre foram questões essenciais em Versalhes. Portanto, Maria Antonieta arquitetou outras formas de conquistar a segurança política e a simpatia do povo francês. Como o seu casamento não se consumava, a delfina chegou a conclusão que talvez o simples fato de investir e construir uma imagem de majestade já seria o passo essencial para que o povo francês a visse como uma verdadeira “Filha da França”.

### **3. MARIA ANTONIETA E SUAS REVOLUÇÕES NA MODA**

Após a sua pequena “epifania”, onde Maria Antonieta viu que a sua postura e modo de se vestir poderiam ser um dos caminhos a conquistar a atenção de seu marido, a simpatia da nobreza residente de Versalhes e os corações do povo Francês, a delfina iniciou aos poucos esta longa jornada, que foi composta por diversas mudanças no guarda roupa das mulheres europeias da época e das formas em que a moda se expressava.

#### **3.1. PRIMEIROS PASSOS**

Uma das atividades preferidas dos reis Luís XV e do delfim Luís XVI consistia em caçar a cavalo.

Maria Antonieta até então só havia montado em burros e não sabia cavalgar um cavalo, porém diante de toda situação crítica em que ela encontrava-se em Versalhes, partiu dela juntamente com a vontade do rei Luís XV de ensinar a delfina coisas sobre as caçadas, o interesse em aprender a montaria.

Para a futura rainha da França, andar a cavalo a deixaria mais próxima de seu marido, e quem sabe este seria um dos passos essenciais para conquista-lo e consumir finalmente a união do casal. Sem contar que a aproximação dela com o rei Luís XV e com Luís XVI se fazia extremamente necessária naquele momento, pois a amante mais próxima do rei, madame Du Barry juntamente com seus simpatizantes, arquitetavam e executavam planos para que a pequena austríaca deixasse de ser delfina e fosse embora do reino Francês.

Diante de todos estes fatos, Maria Antonieta se dedicou a montaria e logo se tornou uma exemplar amazona, acompanhando o rei Luís XV e seu marido em inúmeras caçadas.



Como era uma garota muito solitária em Versalhes, ela cavalgava durante horas, e muitas vezes cavalgava pelo simples prazer de cavalgar, sem dar atenção as caçadas, servindo como uma válvula de escape no momentos de solidão, dando a futura rainha um sentimento muito vasto de liberdade.

Consequentemente, este sentimento de liberdade refletiu em sua maneira de vestir, mais especificamente no vestuário de equitação utilizados exclusivamente pelas mulheres daquela época.

O traje de montaria das mulheres era chamado de *justaucorps*, o qual consistia em um corpete que realçava a cintura e os seios da mulher, um colete, sob este um paletó aberto super justo e por fim saias.

Levando consigo a experiência negativa por ter relutado em usar os *grand corps*, Maria Antonieta não deixou de usa-los em seu traje de montaria. Porém, ela abandonou as saias e passou a usar as calças apertadas de montaria masculinas.

Tal fato, analisado historicamente, não pode ser considerado um completo absurdo no século XVIII. Pois no século XVI, Catarina Médici, a rainha consorte francesa de origem italiana introduziu ao vestuário das amazonas uma calça tricotada de lã, seda ou veludo que era usada por de baixo das saias afim de manter as mulheres aquecidas ou preservar suas modéstias caso houvesse um tombo.

Porém, as etiquetas femininas da corte francesa eram completamente reticentes ao uso das calças, pois alegavam que o uso das calças geravam nas mulheres trejeitos masculinos, como dar passadas largas com cavalo e colocar as mãos nos quadris. Sem contar que montar ao cavalo com uma perna de cada lado do cavalo submetia a mulher riscos à sua saúde reprodutiva.

De acordo com Caroline Weber, em Rainha da Moda – como Maria Antonieta se vestiu para revolução (2008, p.98):

“(…)a França era governada pela lei (…) que ao proibir que as viúvas dos reis os sucedessem no trono, ditava que ‘três coisas eram importantes em Versalhes: o rei, suas amantes e sua corte. Uma rainha não era nada.”

Contudo, Maria Antonieta manteve-se firme em sua decisão em usar calças na montaria. Lutou por este “direito” até mesmo contra sua mãe, que após inúmeras cartas pedindo que a delfina revisse tal ato e não vestisse mais as calças, viu que talvez este seria um dos caminhos alternativos para conquistar o Luís XVI.

Maria Antonieta sentiu-se tão bem e segura em sua decisão de adotar as calças que se vestiu com um andrógino *justaucorps* vermelho e posou para um artista alsaciano Josef Krantzinger, e depois para o pintor da corte de origem suíça Louis-Auguste Brun, também vestindo-se com o vestuário masculino de cavalgar.



Quadro de Louis-Auguste Brun retratando Maria em um traje masculino de montaria. Fonte: WEBER, Caroline. Rainha da moda: Como Maria Antonieta se vestiu para revolução, 2008, pg [s.n.].

Tal atitude adotada por Maria Antonieta a auxiliou para construir a imagem de uma mulher forte, decisiva e autoritária. Esta afirmação pode ser dada através da situação em que se encontrava em Versalhes. Novamente, sofria pressão por parte da amante preferida do rei madame Du Barry, que requeria mais terrenos franceses por parte do rei e julgava as atitudes da delfina. Diante de tal requerimento, Maria Antonieta disse: “Pode ficar certa que não preciso de

orientação de ninguém em nada que diga a respeito de comportamento correto, decente.”

Dessa maneira, a delfina, com a inclusão das calças no vestuário de amazona e através de uma nova postura, finalmente afirma-se com uma figura com autoridade e corajosa, conquistando assim a corte francesa e o povo francês.

### **3.2. RAINHA E SUAS TENDÊNCIAS**

Em Maio de 1774, o rei Luís XV morre aos 64 anos, deixando o trono francês para seu filho Luís XVI.

A coroação de Maria Antonieta e seu marido ocorreu em junho de 1774. A cerimônia aconteceu de modo majestoso, e a nova rainha compareceu de vestida de tal forma também.

Trajando um vestido coberto de bordados, safiras e outras pedras preciosas, Antonieta quebrou antigos paradigmas que diziam que a rainha deveria vestir-se com roupas atemporais para a celebração da coroação, pois a roupa escolhida era de um estilo contemporâneo, o qual estava muito interessada.

A quebra dessa tradição pode ser também explicada pelo fato de ela ser uma das poucas rainhas que participaram da coroação de seu marido, os últimos três que antecederam Luís XVI eram todos solteiros quando receberam suas respectivas coroas. Portanto, ela não recebera informações de como trajar-se em uma cerimônia desse porte, porém ao mesmo tempo preferiu seguir seus interesses e desejos da moda atual do que se informar sobre as etiquetas indumentárias de tal situação.

A partir da coroação, Maria Antonieta torna-se então a rainha da França, porém isso não significava que neste momento teria maior participação e influência nas decisões políticas, pelo contrário, Luís XVI e seu gabinete – que por

acaso era composto por uma grande maioria que não possuía afeições pelos austríacos - continuariam a excluí-la da vida política francesa.

Mesmo assim, Maria Antonieta procura caminhos alternativos para realçar sua presença na corte francesa, e ela novamente recorre à moda para salva-la desta situação.

Como possuía uma grande paixão por rei Luís XIV - “Luís XIV, o Rei-Sol, reinou durante 72 anos e se transformou quase em um emblema da monarquia absoluta europeia, tão marcada pelo luxo e por demonstrações de riqueza” (SCHWARCZ, 2000) – a rainha passou a promover bailes de máscaras uma ou mais vezes por semana e conseqüentemente inspirada também no Rei Sol, ela começou a vestir-se de maneira mais fantasiosa.



Cena do filme Maria Antonieta dirigido por Sofia Coppola (2006). Fonte: [alisonwaters.wordpress.com](http://alisonwaters.wordpress.com), acesso em 05/09/2012.



Vogue Alemã (Agosto 2008). Capa dando alusão ao famoso traje usado por Antonietta em seus bailes de máscaras. Fonte: [juliapetit.com.br](http://juliapetit.com.br), acesso em 05/09/2012.

Nestes bailes, todos os convidados fantasiavam-se esplendorosamente, e por vezes Maria Antonietta ditava os tecidos e cores que deviam usar. Porém, ela sempre se esforçava para ser a mulher mais majestosa da festa e “(...) se destacar da multidão para enfatizar sua posição mais importante da festa (...)” (WEBER, 2008, p.114).

Com estes bailes e seu novo jeito de vestir, mais uma vez a jovem rainha rompia as tradições aristocráticas.

A corte francesa sempre exigiu que as rainhas levassem vidas tranquilas, cuidando dos filhos e do marido e preocupando-se apenas com questões domésticas e religiosas, deixando assim um espaço ainda maior para que o rei “brilhasse” na corte, enquanto suas amantes gastavam milhares de cifras dos cofres do reino francês.

Assim foi tanto com a mãe de Luís XVI quanto a de Maria Antonieta, as quais gozaram de uma vida despreziosa. Já as amantes do rei Luís XV, tiveram uma vida marcada por excessos e muitos gastos.

Diante de tais relatos, pode-se notar que a nova rainha da França começara a caminhar por uma via totalmente oposta a sua sogra e mãe, assemelhando-se com a vida das amantes de seu póstumo sogro. Tal atitude foi proporcionada pelo fato de Luís XVI não interessar-se em possuir amantes e por sentir-se confortável em proporcionar a sua esposa os caprichos que somente uma concubina poderia ter.

Dessa maneira, de acordo com WEBER (2008, p.115), agora era a rainha que, com sua coleção de roupas ostentosas de valor inestimável, eclipsava todas as outras nobres em Versalhes; era ela que dominava e deslumbrava a corte. E como uma favorita real, seus caprichos pareciam incapazes de evocar a desaprovação do rei, por mais dinheiro que custassem.

Desta forma, Maria Antonieta viu-se que poderia disfarçar, através de suas vestes majestosas e faustas, suas preocupações políticas que a afligiam e os desprestígios dos representantes hostis aos austríacos que constituíam o gabinete. Como a adesão da calça ao traje de amazona, suas roupas fantasiosas e extravagantes geraram uma grande influência e prestígio na corte francesa, e a partir deste momento, a rainha passou a ressaltar em Versalhes e a transmitir uma imagem muito mais interessante que a do rei Luís XVI.

Com as festas e um guarda-roupa que espelhava seu poder e superioridade financeira aos demais nobres, Maria Antonieta torna-se então a líder da moda de Versalhes, começando assim, a ditar as tendências de moda da corte. Todos agora desejavam ser como rainha. Esta viu o potencial que possuía e junto com condes influentes queria fazer de Paris o centro da moda mundial.

Além dos condes influentes Maria Antonieta contaria com a ajuda de Rose Bertin, que segundo WEBER (2008, p.110) era "(...) uma estrela ascendente da indústria da moda parisiense e uma das principais influências no gosto em desenvolvimento da rainha".

Rose residia na rua Saint-Honoré, localizada na em uma residência urbana dos Órleans, os quais eram príncipes de sangue-real e construíram tal residência para se afastarem da antiquada Versalhes. Esta residência chamava-se *Palais Royal*, a qual consistia um enorme palácio e um conjunto enorme lojas, cafés, livrarias, gráficas e até mesmo boutiques que vendiam artigos de luxos e a superelegante Ópera de Paris. Apesar de parecer-se muito com Versalhes, o *Palais Royal* possuía uma grande vantagem: ser aberta ao público, tanto para os mais nobres e ricos burgueses, quanto para o povo mais humilde.

Por causa da superelegante Ópera de Paris e especialmente da Rose Bertin, Maria Antonieta passou a fazer frequentes visitas a residência urbana dos Órleans.



*Palais Royal*, residência urbana dos Órleans (1830). Fonte: [gutenberg.org](http://gutenberg.org), acesso em 07/09/2012.

### 3.3. O POUF

De acordo com WEBER (2008, p.118),

Nas três últimas décadas do século XVIII, *marchandes de modes*, mulheres negociantes da moda, haviam começado a emergir como uma força relevante na indústria francesa de roupas, em resposta a uma mudança de paradigma no mercado parisiense do vestuário. Impulsionado por aumentos na produção de têxteis e mudanças de atitudes em relação ao consumo, o mercado testemunhou durante esse período níveis sem precedentes de interesse e variedade 'em peças de roupa e acessórios, cores e tecidos' (...) Em particular, as mulheres passaram a gastar duas vezes mais dinheiro que seus maridos em roupas e acessórios. Mesmo seus tocados menos dispendiosos custavam quatro vezes mais que os chapéus habituais dos homens.

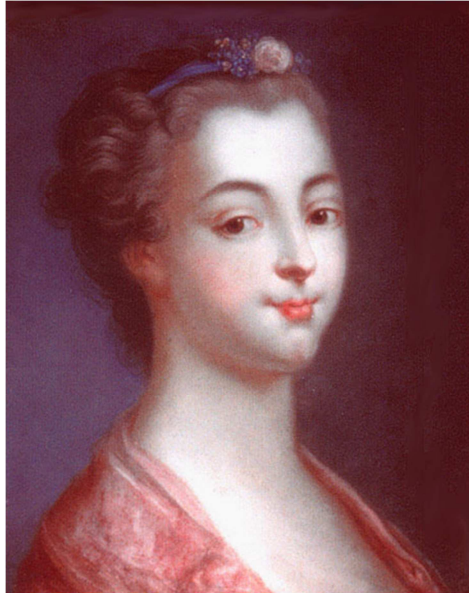
As *marchandes de modes* diante de tal cenário perceberam a oportunidade que possuíam em mãos. Com as mulheres mais interessadas na moda e dispostas a gastar fortunas em vestuário, acessórios e penteados, estas passaram a exercer sua profissão não mais como costureira e alfaiates, mas como uma verdadeira estilista, que mudava ou adornava as roupas já prontas de acordo com as diversas mudanças da moda. As *marchandes de modes* "...estabeleciam o bom gosto da mulher para se vestir." (WEBER 2008, p.119). Para afirmar ainda mais o papel destas estilistas, em 1769 foi publicado um tratado técnico denominado de "A arte do alfaiate" que definia as *marchandes de modes* não somente como uma profissão, mas também como um "talento" para costura e moda.

Como dito no capítulo anterior, Rose Bertin era uma *marchande de modes* que possuía uma loja chamada *Grand Mongol*, uma boutique esplendorosa repleta de adornos dourados, espelhos de corpo inteiros e pinturas a óleo. Porém, não era somente a decoração que atraía as clientes mais afortunadas para o interior da loja, mas sim todos os produtos de luxo – jóias, pedras semipreciosas, toucados, lantejoulas, flores de seda, entre outros acessórios - e serviços que esta fornecia. Sem contar,

... a exposição de moda com trajes de completos, um de cada tipo, cobertos de exuberantes enfeites do decote à bainha. Em certa ocasião, a boutique realizou uma exposição de 280 desses vestidos, cada um ornamentado por sua célebre proprietária e coletivamente avaliados em 500 mil libras. (WEBER 2008, p.119)



Esta loja possuía uma atmosfera de persuasão, que se unia com a postura autoritária de Rose Bertin que emitia seus comentários e recomendações às escolhas das clientes.



Rose Bertin, a *marchande de mode* de Maria Antonieta (1780) Fonte: oglobo.globo.com, acesso em 10/09/2012.

Maria Antonieta finalmente se uniu a Rose Bertin em 1774. Nos primeiros meses deste ano, a *marchande de modes* desenvolveu juntamente com o recente renomado cabelereiro da época chamado *monsieur* Léonard, um inovado, inusitado e pitoresco penteado denominado de *Pouf*. Segue uma descrição detalhada deste penteado feito por Judit Thurman (2007)

O pouf, com quase um metro de altura, tinha um tema sentimental ou político, dependendo de quem o usaria e da ocasião. Começava com uma fôrma de arame que Léonard forrava de lã, tecido, pêlo de cavalo e gaze, entrelaçando as tranças da cliente com peças de cabelo postiço. Quando o edifício já tinha sido bem endurecido, à custa de muito fixador, e devidamente coberto de pó-de-arroz (piolhos e insetos apreciavam ambos, de maneira que as senhoras à la mode sempre levavam consigo mãozinhas de coçar de cabo comprido), estava pronto para receber os acabamentos da cena que o definiria. Navios, celeiros, plantas, batalhas, natividades, e até mesmo as infidelidades de um marido foram alguns dos temas.

Maria Antonieta, além de se encantar pelos *Poufs*, viu neles o potencial para ganhar ainda mais prestígio do público. A partir de então, a rainha fez uma aliança com Rose Bertin e Leórnard, incluindo-os na folha de pagamento real, e adotou o *Pouf* como seu penteado oficial para exibir em Paris.



Cabelereiros preparando o *Pouf* (1778). Fonte: WEBER, Caroline. Rainha da moda: Como Maria Antonieta se vestiu para revolução, 2008, pg 129.



Retrato de Maria Antonieta de Jean Baptiste Gautier Dagoty, Museu de Antoine Lécuyer. Fonte: obviousmag.org. Acesso em: 10/09/2012.

Portanto, ela passou a fazer viagens semanais para Paris, não só para fazer visitas a Rose Bertin e comprar mais peças para seu guarda-roupa real, mas também para poder exibir seu excêntrico penteado e vestuário pelas ruas de Paris e se deliciar com as opções de lazer – principalmente nos bailes e óperas da Ópera de Paris - que essa oferecia, juntamente com os nobres, burgueses e todo o povo francês, que adorava ver a rainha usufruindo do mesmo lazer que estes possuíam.

Da maneira que havia planejado, os *Poufs* realmente causaram um enorme furor entre as francesas que começaram a imitar os penteados e o estilo de Maria Antonieta. Por toda a França, havia mulheres com os penteados altíssimos que alcançavam a altura de 90 centímetros, e todos possuíam um tema ou grandes adornos, como penas. Pela sua altura, peso e diversos outros motivos, os *Poufs* eram toucados que geravam um terrível desconforto, – entre o principal deles a facilidade com que estes possuíam de procriar pestes, pois não eram laváveis – porém nem mesmo estes fatores impediram as mulheres em usar o tão famoso penteado da rainha.



Maria Antonieta e seu *Pouf à la Belle Poule*, penteador que homenageava a vitória da fragata francesa contra os britânico. Fonte: WEBER, Caroline. Rainha da moda: Como Maria Antonieta se vestiu para revolução, 2008, pg [s.n.].

Assim, Maria Antonieta se firmava como uma lançadora de tendências e todas as mulheres da França, e também futuramente de toda Europa, prestigiavam e desejavam ser como rainha.

Nesta época ocorreu um grande fenômeno de explosão de revistas e almanaques de moda, que de acordo com WEBER (2008) seriam as percussoras das revistas atuais de moda, as quais contavam com uma seção somente com imagens que remetiam o estilo da rainha ou a representavam diretamente. A assinatura destas “revistas” era de valor alto, fazendo com que fosse somente disponível para burgueses ricos e nobres. Porém, tamanho era o prestígio e o desejo de ter o estilo de Maria Antonieta, que houve uma grande pirataria em torno destes almanaques de moda, tornando acessível para todas as classes.

Maria Antonieta aproveitou deste momento para fazer grande publicidade em torno de seu vestuário e penteados. Ao contrário das rainhas que a antecederam, as quais levavam uma vida mais sóbria e doméstica que se resumia a Versalhes, Maria Antonieta queria dividir com todo o povo francês seu estilo. Para tal façanha, a rainha criou verdadeiras estratégias de Marketing.

Em Versalhes, havia um protocolo que proibia que os *marchandes de mode*, após servirem a rainha, continuassem a produzir para demais clientes, eles somente deviam servir a realeza. Maria Antonieta, a fim de poder espalhar suas tendências para toda França, rompe este protocolo, e permite que Bertin e Léonard continuem a servir outros clientes. Dessa maneira, *Toinette* se mantinha sempre por dentro do que estava ocorrendo no cenário da moda Francês, sem contar que estaria deixando acessível a todos os franceses os seus gostos pessoais. “De fato, ela se provou como uma ativa e zelosa manipuladora da própria celebridade” WEBER (2008, p.126).

### **3.4. COR DE PULGA, AS POUPEÉ DE MODE E A REVOLTA**

Maria Antonieta continuou a hipnotizar todas as mulheres francesas por conta de seu vestuário, principalmente as que residiam em Versalhes. Além das mulheres nobres que viviam na corte desejarem sentir-se como a rainha, vestir-se como ela as deixavam agora mais próxima das regalias que somente os sangues reais possuíam. Maria Antonieta encantava-se com as mulheres providas de extrema beleza e estilo, e não foram raros os casos em que ela dava títulos e cargos para moças que não eram dotadas de sangue real.

Esse era mais um dos motivos para incitar as mulheres a se vestirem e comportarem como a rainha, e esta por sinal, continuava a lançar mais tendências.

Uma das grandes, e talvez a mais curiosa tendência lançada por Maria Antonieta fora a cor de pulga – *couleur de puce*, em francês. Tal tendência também estourou por toda França e fez grande sucesso, como relatado no trecho abaixo escrito por Isaac Disraeli (1800, p.123, tradução nossa):

(...) No verão de 1775, a rainha Maria Antonieta vestiu-se com um vestido de seda amarronzado, o rei Luís XVI, bem humorado, observou que o vestido era '*couleur de puce*'. Instantaneamente, todas as mulheres estavam se vestindo em um vestido de seda de cor de pulga. A mania foi pega pelos homens também, e os tintureiros trabalharam exaustivamente para a suprir a demanda.

Como citado acima, a cor de pulga surgiu realmente desta situação.

O rei Luís XVI, após proferir algumas delicadas retaliações sobre os gastos excessivos com roupas e penteados extravagantes de sua esposa, resolveu usar o bom humor para novamente expressar sua preocupação, respondendo “cor de pulgas” para Maria Antonieta, quando esta perguntou sua opinião sobre um vestido recém-costurado por Rose Bertin. Porém, o comentário que foi feito com o objetivo de criticar delicadamente e com um tom bem humorado o novo vestido da rainha, obteve um efeito totalmente oposto. A cor de pulga foi um sucesso entre as francesas.

Todas as damas usavam vestido cor de pulga, de pulga velha, de pulga nova, de *ventre de puce* (barriga de pulga), de *dos puce* (costas de pulga) etc. E como a nova cor não sujava com facilidade, sendo portanto menos dispendiosa que tonalidades mais claras, a moda dos vestidos cor de pulga foi adotada pela burguesia parisiense. (D. M. Mayer apud WEBER, 2008, p.134)



Fragmento de vestido cor de pulgas de Maria Antonieta (1778). Fonte: christies.com, acesso em 12/09/2012.

Maria Antonieta, com a cor de pulgas, novamente inova no vestuário e lança mais uma tendência. Com seu iminente e promissor estilo juntamente aliada com o sucesso crescente de Rose Bertin<sup>1</sup>, seu estilo começa a se expandir para territórios estrangeiros, devido a grande admiração de mulheres russas e inglesas para a rainha da França. Diante a esse promitente mercado exterior, Rose Bertin desenvolve uma nova *poupée de mode* para divulgar as tendências lançadas pela rainha Maria Antonieta, as quais eram altamente cobiçadas pelas mulheres de outros países da Europa.

Dessa vez, a *poupée* criada por Rose Bertin possuía o tamanho de uma mulher real e com as características físicas da rainha, um protótipo do que seria as manequins atuais.

<sup>1</sup> WEBER, Caroline. *Rainha da Moda – Como Maria Antonieta se vestiu para Revolução*. 1 ed. Nova York: Jorge p 138-139.

As novas *poupées de mode* fizeram um enorme sucesso, pois todas essas Pandoras “(...) mesmo parisienses anônimas eram ansiosamente esperadas, parecia haver algo particularmente eletrizante numa boneca vestida para se parecer com a própria rainha da França.” (WEBER, 2008, P. 139)

Desta maneira, mais uma vez a parceria de Maria Antonieta com Rose Bertin tem êxito, e esta talvez tenha sido uma das mais importantes, pois agora a todos os elementos que construíam a imagem da rainha francesa se firmava agora em territórios estrangeiros.

Apesar do desejo de se vestir e parecer como Maria Antonieta, o seu povo passou a desconfiar da rainha que tentava auferir a autoridade do rei. Esta desconfiança foi causada por inúmeros motivos.

Os gastos exacerbados com o vestuário e a aparência eram custeados através do dinheiro que havia nos cofres reais. Inúmeras dívidas começaram a ser contraídas, em uma época delicada para o povo francês, os quais, em grande maioria passavam fome.

Sem contar que o desejo de ser Maria Antonieta era tão grande entre as mulheres, que muitas delas gastavam muito mais do que podiam com as *marchandes de mode*, adquirindo dívidas de valores absurdos os quais seus maridos não podiam pagar. Desse modo, tornou-se comum ter amantes ricos que em troca de encontros casuais, “presenteavam” as moças com roupas caras. Outro modo para poder obter mais vestidos e acessórios sem a obtenção de dívidas que se tornou muito comum entre as mulheres francesas, era o uso do próprio dote para pagar as compras em relação ao vestuário.

Por esses motivos, o povo francês passou enxergar Maria Antonieta como uma ameaça. Tanto financeiramente, como moral. Pois agredia os princípios da sociedade francesa. O povo, além de perceber todo o dano financeiro dos cofres reais feito pela rainha, também notava sua grande participação em festas e bailes de máscaras.

Para agravar a situação, muitos folhetos criados por grupos políticos que queria ver Maria Antonieta afastada do poder, começaram a ser distribuídos por



toda França. Tais folhetos continham diversos boatos sobre a rainha, que envolvia desde supostas traições com condes até a participação de orgias em bailes de máscaras e festas.

Grande parte destes boatos eram falsos, porém foram suficientes para gerar uma aversão a rainha. Além de todos os fatos citados, a aversão unia-se e se fortalecia com os infortúnios reprodutivos com o rei Luís XVI. Para o povo, Maria Antonieta era como uma “(...) prostituta desavergonhada que não hesitaria em contaminar a linhagem real francesa com um bebê nascido do incesto” (WEBER, 2008, p.145). Ou seja, para os franceses, a rainha seria capaz de produzir um filho através de um caso com algum conde que fosse seu primo.

Dessa forma, a versão do povo pela rainha tornou-se cada vez mais crescente. Maria Antonieta fora aconselhada a mudar sua atitude diversas vezes por seu irmão José II através de cartas, como descrito no livro Stephen Zweig, (1951), pg 128:

(...)se não quiser obedecer a estes conselhos, diz José II, prevejo tristes coisas; e acrescenta textualmente: ‘Tremo neste momento pela tua boa sorte, porque desta maneira não poderá durar muito tempo. *La révolution sera cruelle, si vous ne la préparez* – A revolução será sem piedade’. A terrível palavra fora escrita ali pela primeira vez. Embora fosse aplicada com outro significado, tem, contudo, valor profético.

Porém, como o trecho acima já disse, Maria Antonieta, de imediato, pouco se importou com a situação de seu país e de seu povo, e continuou a gastar quantias astronômicas dos cofres reais com seu vestuário, lazer e etc.

### **3.5. A REVOLUÇÃO DA SIMPLICIDADE**

Apesar da fomentação de aversão a rainha, Maria Antonieta continuava poderosa e emancipada.



Luís XVI, em 1774, presenteou sua esposa com um pequeno e elegante palácio neoclássico<sup>2</sup> localizado próximo a Versalhes, chamado de *Petit Trianon*. Este pequeno palácio era marcado por sua simplicidade e por seu clima pastoril, pois era rico em natureza. Tais aspectos, juntamente com o espírito do tempo, influenciaram Maria Antonieta a arquitetar um novo estilo de vida.

Naquele momento na França, o culto a vida simples e “o ideal de uma existência natural, não estragada pelos elementos corruptores da vida moderna” (WEBER, 2008, p.151) escrito pelo filósofo e escritor suíço Jean-Jacques Rousseau, estavam em plena evidência. Maria Antonieta, dessa maneira, inspirou-se nessas correntes e criou mais uma vez uma nova moda personalizada a sua maneira. Para ela, o *Petit Trianon* seria um local onde poderia criar um modo de vida mais simples e livre, mas mesmo assim, elegante.

Maria Antonieta apaixonou-se pelo *Petit Trianon* e dedicou grande parte do seu tempo a ele. Distanciando-se um pouco das roupas, a rainha aplicou-se primeiramente em decora-lo. Contratou um arquiteto, o qual redecorou o interior do pequeno palácio e concentrou-se em refazer os jardins que o cercavam. Inspirada em obras de Rousseau, ela reconstruiu os jardins de forma que parecessem assimétricos, delicadamente bagunçados, dando a impressão que foram inocentemente e naturalmente plantados, sem a pretensão de uma ordem.

O copioso amor e dedicação que Antonieta possuía pelo *Petit Trianon* se baseava no fato de que lá ela possuía total liberdade e vivia afastada das radicais tradições da aristocracia de Versalhes. Assim, quem governava o reino Trianon era Maria Antonieta, e era ela quem ditava as regras.

Em dez minutos, pode-se percorrer aquele pequeno recinto de um lado ao outro, mas o pequeno espaço foi para Maria Antonieta mais importante e mais vital que todo o resto da França, com seus vinte milhões de súbitos. Porque ali não tinha que obedecer a ninguém, nem à etiqueta, nem à curiosidade, nem aos hábitos. Para ficar bem manifesto que sobre aqueles poucos metros de terreno quem manda é ela, ninguém, senão ela (...) todas as ordens, em vez de serem dadas em nome do marido, eram dadas em seu próprio nome (...). (ZWEIG, 1951, p.102)

---

<sup>2</sup> O neoclassicismo foi um movimento artístico, que nasceu em meados do século XVII NA Europa, com uma reação à artificialidade do rococó e ditou como prática a simplicidade, nas linhas, formas, cores e temas, bem como o aprofundamento de ideias e sentimentos.

Era em seu palacete campestre em que ela podia refugiar-se dos olhares curiosos do público e assumir totalmente sua imagem e suas vontades.

Obviamente, a rainha também passou a fazer muitos piqueniques e festas no *Petit Trianon*, onde a maioria de seus convidados eram estrangeiros – fato que gerou um grande descontentamento entre os monarcas franceses que sempre puderam acompanhar e prestigiar as festas dadas pelo reis. Para propiciar ainda maior lazer aos seus convidados, Maria Antonieta reformou o teatro que havia em seu refúgio pastoril, e ela e seu pequeno grupo privado dedicaram-se intensamente em escrever e encenar peças, comédias, óperas e etc, baseados em obras de escritores contemporâneos como Rousseau. E foi nestas ingênuas encenações que a rainha mais uma vez revoluciona o modo de vestir das francesas.

Antonieta, nestas peças, sempre insistia em fazer o papel de camponesa e como descrito por WEBER (2008, p.157), ela sempre “consistia em usar os trajes mais elegantes e fiéis (...) e esses papéis de personagens humildes ampliavam sua fantasia de viver uma vida simples(...)”, e mais uma vez, assim, escapar das inúmeras regras da aristocracia. Todos esses fatores acabaram por refletir em seu vestuário. A rainha quando visitava o *Petit Trianon*, abandonava as suas roupas elegantes e pomposas da corte e vestia-se de maneira mais leve e simples, como ao natural. Dessa maneira, acabou desenvolvendo novos trajes para usar em seus passeios ao seu palacete, os quais diferiam vastamente do vestuário ditado pelas regras de Versalhes, causando mais uma vez certa comoção na corte francesa.

Porém, Maria Antonieta pouco se importou com a reação negativa da aristocracia, pois era ela quem comandava as regras do reino *Trianon*, e assim dava-se o direito de vestir o que desejasse. Logo, seu vestuário sofreu inúmeras transformações.

Os *poufs* de início não foram abandonados. Acrescentaram-se mais aspectos e característica associados ao estilo pastoral, como flores, hortaliças e frutas. Porém, com o tempo e com a total emancipação que se encontrava em

seu refúgio campestre, a rainha abandonou o *pouf* e criou um penteado mais simples. Primeiramente, inventaram a *bonnet à la Rousseau* (touca à Rousseau) que consistia em “chapéus de copa mola feitos de simples pano branco” (WEBER, 2008, p.166).



*Bonnet* usado na Grã-Bretanha no século XIX. Fonte: [corsetsandcrinolines.com](http://corsetsandcrinolines.com), acesso em 12/09/2012.



*Bonnet* usado pela filha de Maria Antonieta. Fonte: [tarabradford.com](http://tarabradford.com), acesso em 12/09/2012.

Após a touca à *la Rousseau*, a touca Granada fora criada. Esta era feita de cetim ou seda e enfeitada com faixas de palhas, flores de romã. As *bonnets* começaram a ganhar força no vestuário das francesas e desta forma foram criadas inúmeras variações destas.

Assim, a tendência pastoril foi crescendo entre as mulheres francesas. Cada vez mais as mulheres que participavam do privado grupo das convidadas da rainha para passeios ao *Trianon* criavam mais tendências. Trocaram as pedras preciosas e pesados bordados de seus vestidos por leves lantejoulas, flores de gaze e xales de musselina, tudo isso para saciarem seus desejos de se parecerem com flores silvestres.

Todas essas modas passaram a ser adotadas por grande parte das mulheres francesas – apesar de todas as críticas a elas. Além destas novas peças, muitas outras foram introduzidas no vestuário.

Para fugir mais uma vez dos estruturados e requintados vestidos de Versalhes, foi adotado o uso de um vestido inspirado nas roupas semelhantes a togas do teatro clássico francês, chamado *levité* (levita). Estes leves vestidos eram livres do corpete de barbatanas de borboletas, das *paniers*<sup>3</sup> e das caudas dos vestidos da corte, ele somente possuía uma faixa amarrada levemente na cintura.

Para acompanhar tal simplicidade dos trajés, tecidos de algodão mais leves e simples de tons pastel e estampas com padrões delicados como “bolinhas, minúsculos buquês e pequeninos sóis irradiantes” (WEBER, 2008, p.170) passaram a ser altamente usados.

Com estes tecidos, Maria Antonieta criou o que tornaria sua veste favorita e que causaria extrema revolta por parte dos franceses mais tradicionais: a *gaulle*.

Esta *chemise*<sup>4</sup> de musselina branca, mais conhecida como *gaulle*, foi criada pela estilista real Rose Bertin, que se inspirou no modelo de vestuário que os crioulos e as esposas dos colonos franceses da região do caribe usavam, uma vez que estas eram impossibilitadas de usar

---

<sup>3</sup> O *panier* era uma armação usada por baixo das saias, geralmente feitas de galhos para sustentar a saia superior. Alguns *paniers* eram tão grandes que chegavam a aumentar a saia lateralmente em até 2 metros.

<sup>4</sup> As *chemises* naquela época significavam acima de tudo camisola, “roupa íntima”.

seda, tecido oficial da nobreza, devido ao calor. Essa roupa abolia os espartilhos e era livre de qualquer outro elemento estruturante exceto uma gola de rufos fechada com uma fita, mangas bufantes firmadas por “braceletes” de fita e uma larga faixa de fita na cintura. O traje era complementado com um chapéu de palha de abas largas, sobre cabelos soltos e não empoados. (ALBIERE 2010, p.7)

Este novo traje inicialmente era visto como tendência inglesa, porém só ganhou força na Grã-Bretanha, quando Maria Antonieta presenteou uma importante duquesa inglesa com uma *gaulle*.

Apesar deste traje não ser uma novidade, ele causou grande revolta na França. Este novo estilo gerou problemas sociais, pois não acentuava as diferenças de vestuário entre as classes. Com a *gaulle* tudo ficou mais homogêneo, pois desde as mulheres mais nobres e elegantes até as mulheres mais simples do França se vestiam com ela. De acordo com WEBER (2008, p.181) “permitiu as mulheres de baixa extração tentar competir com damas de estirpe, ou até ser confundidas com elas”. Tal fenômeno ficou conhecido como “a revolução do linho”.



*La reine em gaulle* (1783).Obra retrata Maria Antonieta vestindo uma *gaulle*. Fonte: [thefashionhistorian.com](http://thefashionhistorian.com), acesso em 17/09/2012.

Além de gerar “a revolução do linho”, a *gaulle* trouxe também outro grande desconforto, pois muitos diziam que ela se aparentava com as “roupas de baixo” que as mulheres usavam por baixo de seus vestidos. Assim, esta peça, e juntamente Maria Antonieta, ganhou a fama de indecente e deturpadora da moralidade francesa.

O novo estilo criado por Maria Antonieta baseado em sua nova percepção de vida por causa de seu *Petit Trianon*, por um lado trouxe muito contentamento para a rainha, mas por outro agravou ainda mais a aversão do povo por ela.

Muitos passaram a atribuir a ela a culpa das péssimas condições financeiras e sociais em que a França se encontrava.

Na questão financeira, a rainha continuava gastando fortunas dos cofres reais. Por exemplo, os novos jardins que cercavam os arredores do *Petit Trianon* custaram 350 mil libras, já a sua festa de inauguração custou a pequena fortuna de 400 mil libras. Sem contar o grande volume de capital que continuava a investir em seu vestuário e em presentes para seus amigos mais íntimos.

Outro fator financeiro influenciado por ela era a crise da produção de tecidos na França. Os novos tecidos adotados por Maria Antonieta foram principalmente a musseline e o linho os quais eram exportados diretamente da Grã-Bretanha. Aliado a esse ponto, os fabricantes franceses além de perderem grande parcela do consumo francês, acumulavam enormes volumes de tecidos, pois as tendências criadas pela rainha mudavam constantemente. Assim eles produziam grandes volumes para atender a demanda, porém essa logo se dissipava pois havia uma nova demanda para uma nova tendência. Dessa maneira, muitos acreditavam que a rainha aos poucos estava destruindo a indústria têxtil da França.

Ademais a esses fatores, ainda a acusavam pesadamente de deturpar a moral francesa. Inúmeros boatos e casos a acompanhavam para afirmar tal fato, os quais incluíam: o boato de lesbianismo que se baseava na sua estreita relação com Rose Bertin e suas amigas estrangeiras mais íntimas, e também na

introdução de peças masculinas no traje de amazona; a grande amizade e estima por um andrógino excêntrico, o d'Éon. Alto membro do corpo militar e diplomático da França. D'Éon dizia que realmente havia nascido mulher, mas que abandonara este sexo para poder servir a França. A rainha o adorava e sempre o presenteava com roupas femininas. Esta atitude gerava enorme revolta do povo francês; E por último, muitos acreditavam que os filhos da rainha, os futuros reis da França, não eram frutos da sua união com Luís XVI, e sim eram filhos do seu caso extraconjugal com o conde sueco Axel von Fersen.

Entretanto, Maria Antonieta se orgulhava demais de seus trajes, não os abandonando nem as inúmeras críticas, as quais talvez a encorajaram ainda mais a usar suas roupas pastoris, vestindo-as também em Versalhes. Porém, não desconfiava que dessa maneira estaria esboçando um final trágico a aristocracia francesa, e acima de tudo a sua família

## 4. ESBOÇO DO FIM

Apesar das críticas ao novo estilo adotado pela rainha em seu *Petit Trianon*, Maria Antonieta estaria vivendo um dos momentos mais felizes de sua vida.

Além de estar sempre em contato com a natureza, foi nesse período em que deu a luz aos dois dos seus três filhos. Primeiramente, nasceu em dezembro de 1778, Maria Teresa Carlota, que após seus cinco anos ficou conhecida pelo título de “madame *Royale*”. Logo após três anos, em outubro de 1781, a rainha finalmente presenteou a França com o nascimento de um menino, Luís José.

Com a vinda de seus dois filhos – e mais tarde, em 1785, do terceiro filho, Luís Carlos – a rainha encontrou-se intensamente apaixonada pela maternidade. Dessa maneira, começara a fazer diversas viagens ao *Trianon*, o qual se tornara o refugio dela e de seus filhos, era neste pequeno paraíso pastoril onde ela e seus descendentes aproveitavam a natureza e primavam por uma vida mais doméstica.

Contudo, nem a vinda do tão esperado delfim pode amenizar a tempestade de críticas que atingiam Maria Antonieta.

De acordo com WEBER (2008, p.187)

Os prazeres iconoclásticos de Maria Antonieta no terreno da moda novamente assumiram um grande número de conotações condenatórias – de depravação sexual e rapacidade financeira a lealdades políticas traiçoeiras e antifrancesas – que prejudicaram irreparavelmente sua reputação já manchada e comprometeram drasticamente a estatura da monarquia como um todo.

Com essa atmosfera de repudia, Antonieta decidiu vestir-se mais conservadoramente. Tal desejo uniu-se com o fato de estar envelhecendo e seu corpo já não suportar mais harmoniosamente trajes mais pitorescos. A partir desse momento, suas inovações começaram a decrescer. Até a sua precoce morte não



houve grandes revoluções na moda, porém mesmo em sua situação de decadência política e financeira, Maria Antonieta continuava a ser copiada.

O advento de seus trinta anos, levou a rainha a dizer a Rose Bertin que desejava abandonar as plumas e flores e adotar acessório que se enquadrava melhor a sua idade. Assim, a apaixonada mãe renunciava seu antigo guarda-roupa tão característico, lotado de flores, plumas, tons alegres, vestimentas leves e simples do legado do Trianon, como as *levitas*, por uma vestimenta mais sóbria e da tradição real francesa.

Mesmo com a mudança para um estilo mais conservador, Antonieta ainda lançou algumas pequenas tendências.

Juntamente com a sua paixão pela maternidade, a rainha adorava a ama-de-leite de seu caçula, e inspirada em umas das canções cantaroladas pela criada, ela criou uma nova moda, o chapéu à la *Marlborough* – nome proveniente ao nome da canção denominada de Torre de *Marlborough* – o qual consistia em um “(...)chapéu de palha muito amplo, usado baixo sobre a testa e inclinado para cima, atrás por um enorme laço sob a aba(...). A moda *Marlborough* espalhou-se com uma epidemia por toda França” (WEBER, 2008, p.197).

Outra que fez parte de uma das últimas tendências foi sua demasiada afeição por um novo padrão de estampa lançada pelas *marchandes de mode*. Esta nova estampa era composta por triângulos abstratos que davam a alusão aos chifres, caninos ou asas de um novo mítico animal chamado de Harpia encontrado no Peru. A rainha logo adotou excessivamente esse padrão em seu vestuário, e logo houve uma infestação de mulheres usando esta nova estampa que foi chamada de *à la harpie*.

Entretanto, mesmo com a decisão de adotar um visual mais conservador, Maria Antonieta continuava a gastar imensas fortunas com seu vestuário. Por exemplo, em 1785, mesmo com a sua renúncia às plumas, flores e outros caríssimos adornos, a rainha gastou 285 mil libras para a construção de um novo vestuário. Esta quantia excedia estratosféricamente a qual devia ser destinada a ela, causando assim um gigantesco déficit nos cofres reais.

Porém, tal atitude estava perto do fim, devido a fomentação de uma revolução política social que desejava acabar com a aristocracia francesa e a boatos escandalosos que começaram a perseguir Maria Antonieta.

Um dos mais famosos escândalos que colocou definitivamente o povo contra a rainha foi o caso do colar de diamantes, como descrito no parágrafo abaixo por Julieta Pedrosa (2000).

O que ficou conhecido como “O Caso do Colar de Diamantes” e desgastou enormemente a imagem de Maria Antonieta perante seus súditos, criou-se a partir de pessoas com situações totalmente díspares: a ambiciosa Madame de La Motte - empobrecida Valois descendente de antigos reis franceses querendo uma posição na corte de Versalhes, o pervertido, rico e perigoso Príncipe De Rohan – Cardeal da França por quem a rainha nutria uma enorme antipatia e desconfiança, e o desesperado joalheiro Boehmer - que tinha em mãos um fabuloso e caríssimo colar de diamante originalmente confeccionado para que Luís XV, avô e antecessor de Luís XVI, marido de Maria Antonieta, desse como um presente a sua última amante, Madame Du Barry. Sem ter acesso direto à rainha, mas usando de sua boa aparência e uma grande dose de charme, Madame de La Motte conseguiu atrair a atenção do cardeal e do joalheiro, convencendo-os de que tinha uma relação amorosa com Maria Antonieta e de que esta queria comprar o colar. Imensamente desejoso de voltar a fazer parte do círculo íntimo de cortesãos à volta de Maria Antonieta, o cardeal deixou-se convencer e pegou o colar com o joalheiro, convencendo Boehmer de que ele, cardeal, faria com que a rainha comprasse o colar. Usando uma prostituta que lembrava Maria Antonieta, Madame de La Motte marcou vários encontros entre o cardeal e a falsa rainha à noite, nos jardins perto do Templo do Amor, em Versalhes, onde corriam boatos de que a verdadeira rainha se encontrava ali com amantes. Nesses encontros, o cardeal foi iludido de que seria recebido por Maria Antonieta novamente em seu círculo íntimo e assim, deu para a intrigante Madame o colar, para que esta o fizesse chegar discretamente às mãos da rainha. Quando o joalheiro Boehmer visitou a rainha e solicitou que o colar lhe fosse pago, a confusão instalou-se.

Mesmo com o julgamento e condenação de La Motte e o exílio do cardeal e do joalheiro, este episódio levou a opinião pública a se voltar definitivamente contra ela, pois todos acreditavam na culpa da rainha, devido, no que eles afirmavam, a sua “imoralidade” advinda desde sua íntima amizade com Rose Bertin – onde muitos afirmavam haver caso de homossexualismo – até as *gaulles* usadas por ela em seus tempos de *Trianon*. Foi neste momento que Maria Antonieta começou a repensar em suas atitudes e em reformular todo seu

vestuário, afim de evitar futuras revoluções e reconquistar a simpatia perdida do povo. Porém, como ela mesmo vira alguns anos depois, já seria tarde demais.

#### 4.1. SÓBRIO FIM

Após inúmeros escândalos e boatos envolvendo seu nome, nem mesmo a mudança para um vestuário simples, distanciamento de amigos estrangeiros e constante diminuição de seus gastos livrou Maria Antonieta da revolta do povo francês.

Estes últimos, após o “caso do colar de diamantes”, desenvolveu um ódio irreparável por ela. E devido as suas inúmeras dívidas adquiridas ao longo de seu reinado com roupas, festas, presentes, gastos intermináveis com seu *Petit Trianon* levaram o povo a chama-la de “*Madame Déficit*”.

As despesas de Maria Antonieta apesar de serem de grandes valores não causavam grandes impactos na economia francesa. Porém, os gastos excessivos e os hábitos extravagantes de toda aristocracia desenvolveram no povo um sentimento de extrema revolta a corte.

Para infelicidade da rainha, o cenário da França encontrava-se em plena decadência. Milhares de famílias e camponeses encontravam-se em um estado crítico e desesperador, pois a péssima colheita de 1788 os deixaram sem o que comer. Tamanha pobreza era drasticamente realçada em comparação a vida de exageros e voluptuosidade dos aristocratas. Porém o povo não se encontrava sozinho, compartilhavam o sentimento de repudia com os burgueses, que passaram a contestar fortemente os privilégios do nobre.

Diante de tantas críticas, o rei Luís XVI apesar da forte depressão que o abatia devido às revoltas que fomentavam na França, ele decidiu tomar uma atitude, a qual se tornaria uma das piores da sua vida, pois de acordo com LOPES (2007):

Convocou, para maio de 1789, uma reunião dos chamados Estados Gerais: uma assembleia reunindo representantes do clero, da nobreza e do povo. Em vez de apoiar as tímidas reformas que o rei pretendia fazer, os Estados Gerais logo foram dominados pelos não-nobres. Em 9 de julho, eles conseguiram criar a Assembleia Nacional Constituinte. Enquanto os camponeses de toda a França se revoltavam contra seus senhores e o povo de Paris destruía a Bastilha (prisão-símbolo do autoritarismo do rei), a assembleia abolia o regime feudal e os privilégios da nobreza.

Com o clima da assembleia e de uma nascente revolução, o povo invadiu Versalhes em outubro de 1789. Durante vários dias, Maria Antonieta e sua família juntamente com alguns guardas ficaram reclusos no palácio. Porém com a não dispersão do povo, a rainha decidiu se apresentar aos franceses na varanda de Versalhes, apesar de sua figura sóbria e segura ter contido os ânimos dos revolucionários, estes não cederam e a família real rendeu-se em abandonar o palácio e encarar a infeliz realidade e os problemas que assolavam o país.

Mesmo com todo repúdio do povo, Luís XVI continuou a sentir-se como um rei pleno, e assim não aceitou o pedido da Assembleia Nacional, quando esta requisitou que o rei governasse com o auxílio de uma câmara de representantes do povo.

Maria Antonieta e sua família encontravam-se desolados e tentaram até mesmo fugir da França em junho de 1791, porém não obtiveram sucesso. Foram pegos durante a fuga e obrigados a retornar a Paris.

Sem perspectivas de vitória, a família real pedia auxílio de nobres estrangeiros. Maria Antonieta chegou a planejar nos bastidores para que os austríacos atacassem a França, mas mal sabia que tal atitude contribuiria para a revolução contra aristocracia, pois a Assembléia Nacional acabou analisando tal fato como uma oportunidade. Como estes desejavam expandir a revolução pela Europa, eles apoiaram Luís XVI, declarando assim guerra contra a Áustria. As forças inimigas auxiliadas pela Prússia (hoje parte da Alemanha) invadiram o país e ameaçaram marchar sobre Paris se a família real sofresse algum tipo de

ataque. Este fato fez com que o povo enxergasse Luís XVI como um verdadeiro traidor.

Entretanto, tal invasão não durara muito tempo, em 20 de setembro de 1792, os invasores foram expulsos da França, e logo no dia seguinte a aristocracia francesa finalmente fora derrubada, e assim se constituía a república no Estado Francês.

A família real foi levada para Torre do Templo, um antigo mosteiro dos Templários utilizado à época como prisão. Alguns meses depois, iniciou-se um processo contra o rei Luís XVI, condenando-o como um traidor da pátria. Mesmo negando corajosamente tais condenações, em 21 de janeiro de 1793 ele foi guilhotinado.

A partir deste momento, Maria Antonieta terrivelmente triste com os acontecimentos, desde queda da monarquia e morte do seu marido até a morte do seu terceiro filho, entrou em um estado de total luto e depressão, transparecendo tal atitude em suas vestes completamente pretas. Também ganhou o apelido de “Viúva Capeto”, pois com a abolição da aristocracia, o rei perdeu o título de nobre e passou a ser chamado de Luís Capeto, por ser descendente da dinastia capetíngia<sup>5</sup>, da Casa de Bourbon.

Além da depressão, a saúde de Maria Antonieta deteriorou-se rapidamente. Sofria aparentemente de possível câncer uterino, o qual provocara inúmeras hemorragias ao longo do dia, sem contar de uma possível tuberculose.

Maria Antonieta também passou por um processo de um julgamento onde seria discutido seu futuro. Neste processo, condenavam-na desde esgotamento do tesouro nacional e relações secretas com a Áustria até um possível incesto com seu primeiro filho homem. Esta última acusação causou um sentimento de repúdio na rainha que respondeu: "Se não respondo, é porque a própria natureza se recusa a responder a tal acusação feita contra uma mãe! Faço um apelo a todas as mães presentes." Apesar da resposta ter causado certo sentimentalismo

---

<sup>5</sup> A dinastia Capetiana, também Capetíngia, foi a família real que governou a França durante mais de oitocentos anos.

e apoio por parte de muitas pessoas que estavam assistindo o julgamento, Maria Antonieta foi condenada a morte por guilhotina.

Na manhã do dia seguinte ao julgamento, em 17 de outubro de 1793, Maria Antonieta se preparou para marchar até a sua morte.

Desde o extermínio de seu marido, a ex-rainha vestia a si própria e todos seus filhos com roupas pretas, em referência ao luto que sentia pela perda. Porém, para o dia de sua execução, ela optou por usar uma *chemise* branca que nunca havia a usado antes. Mesmo em uma situação extrema como a sua guilhotina, Antonieta queria apresentar-se decentemente ao povo francês. Por cima de sua chemise, vestiu um vestido branco e para cobrir seu pescoço usou um de seus mais bonitos xales de musselina.

Muitos disseram até mesmo seus maiores inimigos, que Maria Antonieta estava vestida impecavelmente para a sua execução, com um visual completamente branco. É neste ponto que vimos que esta atitude talvez fora a maior declaração de moda feita pela ex-rainha. Pois com essa cor, ela contava toda a sua história.



Vestida para execução. Fonte: WEBER, Caroline. Rainha da moda: Como Maria Antonieta se vestiu para revolução, 2008, pg [s.n.].

Mas o apagamento talvez revelasse mais do que escondia, condensando todo o seu passado perigosamente elegante, Branco, a cor de flor-de-lis e cútis de uma jovem noiva. Branco, a cor das barbatanas de baleia e

de um espartilho. Branco, a cor de festa a fantasia e corridas de trenó na neve. Branco, a cor de uma cabeça empoada, penteada por Bertin e Léonard – ou pela turba feroz. Branco, a cor de uma *gaulle* de musselina, importada ou não: linda no Trianon, perversa em Paris. (...) Branco a cor do martírio, do céu, da vida eterna. Branco a cor de um fantasma belo demais, ou pelo menos obstinado demais para morrer. (WEBER, 2008, p.320-321)

## 5. MARIA ANTONIETA COMO LANÇADORA DE TENDÊNCIAS

Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram um indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). Assim, a cultura nacional desde a escola, nos imerge nas experiências mítico-vividas do passado, ligando-nos por relações de identificação e projeção aos heróis da pátria (Vercingetórix, Joana D'Arc), os quais também se identificam com o grande corpo invisível, mas vivo, que através dos séculos de provações e vitórias, assume a figura materna (a Mãe-Pátria, a quem devemos amor) e paterna (o Estado, a quem devemos obediência).

Nesse trecho que introduz de uma de suas mais famosas obras, "Cultura de Massa no Século XX - Espírito do Tempo" (1967), o antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin situa os símbolos máximos de autoridade e adoração de um povo: a Pátria e o Estado. Enquanto a Pátria engloba tudo aquilo que um país possui e produz no campo afetivo e emocional, assumindo uma figura materna e feminina, o Estado é a entidade rígida e viril, para quem devemos obrigações e lealdade, geralmente o associado a aspectos racionais e objetivos como a economia, os bons costumes da sociedade e o progresso do país.

Enquanto o simbolismo paternal tem sua representação máxima na figura do Chefe de Estado, é a sua mulher que fica encarregada de tangibilizar o simbolismo maternal da pátria: a primeira-dama é o maior ícone feminino que uma nação pode ter. Adorada por homens e mulheres, ela possui grande força política e social, mesmo não exercendo nenhum tipo de poder em termos práticos. Sua influência se dá através de aparições e declarações públicas, da vida familiar privada que, nesse caso, acaba se tornando assunto de interesse público e, não menos importante, em sua personalidade e estilo.



É possível exemplificar tal afirmação acima com a chegada de Maria Antonieta na França. Inicialmente, ela não é vista com bons olhos pelos franceses, pois era de naturalidade austríaca. Ou seja, não gostariam que a representante maternal da Pátria fosse uma mulher oriunda de um país que há muitos anos era inimigo da França.

Porém, quando Maria Antonieta decide adotar uma postura elegante, desfilando por Versalhes e Paris seus belos trajes e penteados e exibindo sua exímia etiqueta e extrema simpatia, ela consegue cativar os corações do povo francês, que finalmente a adota como uma figura materna.

Como visto no capítulo anterior, é a partir deste momento que Maria Antonieta torna-se a mulher mais influente na França, ditando as regras de vestuário e etiqueta por todo o país.

## 5.1. MARIA ANTONIETA: A TRENDSETTER DO SÉCULO XVIII

Desde advento da moda, há as pessoas que definem e lançam as suas tendências. Atualmente, estas pessoas são denominadas de ***trendsetters*** – expressão do inglês referente aos lançadores de tendências da moda. Para Rech e Perito (2009, p.10),

Os *trendsetters* são os líderes sociais, ídolos de massa que expressam os valores e ideias da transformação social ou os jovens desconhecidos nas ruas e através das novas tendências, criam e espalham as suas opiniões a respeito do mundo e divulgam largamente a sua aceitação.

Subjetivando o termo, encontramos uma definição mais dramática feita por Valerie Steele, autora do livro *Encyclopedia of Clothing and Fashion* (2005, p.143,

tradução nossa). Para Steele, os *trendsetters* “são como uma mulher colocada em um pedestal, onde todos a adoram e desejam ser como ela”.

Os lançadores de tendências e formadores de opiniões podem ser qualquer indivíduo, desde pessoas comuns até estrelas do cinema. Para Palomino (2005), os *trendsetters* não precisam ser necessariamente famosos “(...) mas é um tipo de gente que, dentro de seu grupo, tem carisma e personalidade suficientes para inventar e ser copiado”.

Diante de diversas definições, é nítida a visão de Maria Antonieta como lançadora de tendências de moda no século XVIII.

A rainha era definitivamente a mulher que todos os franceses e mais tarde os europeus desejavam ser. O seu título real já contribuía para tal fama e carisma, e cada nova roupa que vestia e/ou moda que lançava ela envolvia quase que “magicamente” ainda mais seu povo.

Além do mais, Maria Antonieta gostava de lançar tendências e propaga-las tanto para a nobreza quanto para o povo. Apesar da existência de outras mulheres que a antecederam e também foram copiadas (como exemplo a amante de Luís XVI, Madame Du Barry<sup>6</sup>), pode-se afirmar que Maria Antonieta fora umas das primeiras *trendsetters* do sexo feminino. Segue abaixo algumas das maiores tendências estratégias de marketing lançadas pela rainha.

### **5.1.1. CALÇAS DE MONTARIA**

Maria Antonieta foi a grande responsável em incluir peças masculinas no vestuário feminino das francesas do século XVIII.

Sua paixão pela montaria, a fez lutar pelo direito das mulheres usarem calças semelhantes ao traje masculino, pois dessa forma tornaria o ato de cavalgar muito mais eficiente e confortável.

---

<sup>6</sup> Madame Du Barry, amante do rei Luís XV, também foi uma disseminadora de tendências.

Apesar da extrema reticência do povo francês e até mesmo do rei, a rainha, que na época ainda era uma pequena delfina, não desistiu da idéia. Resultado: apesar da inclusão das calças e do casaco de montaria masculino facilitarem a cavalaria para as mulheres, essa nova tendência não foi fervorosamente aderida pelas francesas, devido os antigos princípios que alertavam para os perigos de cavalgar como um homem. Porém, sua figura imponente aliada a coragem de ousar e usar tais trajes, conferiu-lhe uma imagem de uma futura rainha valente e poderosa, conquistando assim, a fidelidade de seu povo.

É evidente que com essa atitude e resultado, Maria Antonieta antecipara séculos antes a inclusão definitiva da calça no vestuário feminino que só aconteceu no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a aparição da atriz alemã Marlene Dietrich vestida de terno e calças no filme *Morocco* (1930) e com as criações de Coco Chanel, como terno e calças feitas com tecidos considerados masculinos.

Esta masculinização dos trajes nasceu da necessidade do reposicionamento feminino, principalmente no trabalho. Com Maria Antonieta também não fora diferente, escolheu mudar as roupas de amazona pois queria reposicionar sua imagem em Versalhes, desejava com essa atitude mostrar ao povo seu poder e conquista-los definitivamente. Felizmente, ela conseguiu o que almejava.



Marlene Dietrich com seu inseparável terno. Fonte: [fashionbubbles.com](http://fashionbubbles.com), acesso em 28/09/2012.



Maria Antonieta com trajes masculinos. Fonte: gogmsite.net. Acesso em 28/09/2012.

### 5.1.2. ROSE BERTIN E AS PANDORAS

Apesar de controvérsias<sup>7</sup>, muitos atribuem a Rose Bertin o título de primeira estilista do mundo. E mesmo sendo uma estrela em ascensão, Bertin jamais alcançaria o patamar e a fama sem o auxílio de Maria Antonieta.

Quando a rainha francesa conheceu a estilista, ela ainda não possuía tamanha magnitude e reconhecimento de toda nobreza e burguesia francesa. Foi criando os majestosos trajes que compuseram o guarda roupa de Maria Antonieta, que Rose Bertin foi ganhando prestígio e fama. Sem contar, que ela apresentara *monsieur* Léonard para a rainha, o qual foi o grande responsável pela criação do *pouf*, uma das maiores tendências lançadas pela última.

Além de todos esses fatores, Maria Antonieta juntamente com Rose Bertin, que se tornara a *marchande de mode* mais requisitada de toda França, decidiram lançar novas *poupées de mode*. As novas Pandoras tinham tamanho real da

---

<sup>7</sup> De acordo com Renata Pitombo Cidreira, autora do livro *Os Sentidos da Moda* (2006), Rose Bertin não pode ser considerada a primeira estilista do mundo, pois não produzia intensamente novas criações e atendia uma cliente exclusiva, não todo o mercado.

rainha francesa e se assemelhavam quase que igualmente a ela. Estas seriam responsáveis de disseminar a moda de Maria Antonieta para outros países da moda, e conseqüentemente espalhar também o nome que estava por trás das criações da rainha, ou seja, o nome Rose Bertin começou a torna-se famoso no estrangeiro.

Definitivamente, as Pandoras foi um grande truque de marketing de moda criado pelas mentes perspicazes da rainha francesa e de Bertin.

### 5.1.3. RAINHA DO ROCOCÓ

Os exageros fizeram parte do vestuário de Maria Antonieta, e conseqüentemente de todas as mulheres da França. Pode-se concluir que as roupas de Maria Antonieta estavam extremamente ligadas com o movimento artístico do momento: o Rococó. Como descrito por Laura Ferrazza de Lima (2008),

A cultura responsável pelo estilo rococó se caracterizava pela busca do prazer pessoal. Isso incluía também a indumentária que nessa época foi elevada à categoria de arte. Este estilo de vestir dividiu-se em duas direções opostas, uma da estética artificial e outra que manifestava um desejo de retorno à natureza.

Desta maneira, vimos que o rococó foi muito presente no guarda-roupa da rainha francesa, desde seus vestidos extravagantes até as roupas leves que a acompanharam nos passeios do Petit Trianon.

Como sempre, obviamente, todas as francesas adquiram este estilo rococó, não só por ser o movimento artístico do momento, mas por grande influência da rainha como representante viva deste. Como prova maior disso, foi o extravagante penteado *pouf* lançado pela própria, o qual todas as francesas viraram adeptas. Sem contar também, dos trajes que lembravam a indumentária

das camponesas, que mesmo após críticas, até a mais alta nobreza passou a adotar tal estilo.

De fato, mais uma vez comprova-se a influência da rainha na indumentária das francesas.

#### 5.1.4. MARIA ANTONIETA E AS “REVISTAS” DE MODA DO SÉCULO XVIII

Nos dias de hoje, uma das grandes identificadoras de *trendsetters* são as revistas de moda. Muitas vezes, ao folhear tais magazines, encontramos artigos dando dicas e relatando como se vestir igual a estas lançadoras de tendências.

✉ 0 +1 f Share f Like 10 Pin it Tweet 0 1 of 4 ▶



**Test Drive Your Clothes**

"If you feel confident wearing something, it automatically looks better on you. Michelle owns every outfit she wears. You can tell that she never feels uncomfortable or uneasy in her clothing."

**Make it work for you:** Try out a look before wearing it to an interview or first date. Hang around your place in the outfit for an hour or run some errands. If you're constantly making adjustments (pulling down the skirt, checking to make sure your bra strap isn't showing, etc.), find another outfit. The less you're thinking about your clothes, the better they will look on you.

Charles Ommanney/Getty Images

View Thumbnails

Artigo do site da revista Cosmopolitan com dicas de como se vestir como Michelle Obama. Fonte: Cosmopolitan.com, acesso em 29/09/2012.

Não diferente dos tempos atuais, no século XVII já havia os primeiros esboços das revistas de moda. A *Le Journal de la Mode et du Goût* (em

português, “Jornal da Moda e do Gosto”) que passou por muitas mudanças de nome até chegar a este último, era completo de artigos e imagens que descreviam as últimas tendências de moda e como usa-las no dia-a-dia. Maria Antonieta era figura recorrente nas edições da *Le Journal de la Mode et du Goût*.

(...) ela era uma presença palpável em suas páginas elegantes. Embora a nomenclatura de chapéus e vestidos mudasse rapidamente como sempre, refletindo a popularidade de uma atriz ou recém-descoberta, suas formas e estilos básicos muitas vezes tinham estilos que remontavam diretamente a rainha. No primeiro número (...), o editor declarou que o originalmente chocante “redingote masculino” tornara-se, nos últimos anos uma peça básica no guarda-roupa de toda mulher elegante. (WEBER 2008, p.210)



Figura retirada de uma versão antiga da *Le Journal de la Mode et du Goût*. A imagem retrata uma mulher vestida como Maria Antonieta (vide o *pouf*). FONTE: ekduncan.com, acesso em 29/12/2012.

Além deste relato, há ainda inúmeros outros descrevendo as diversas tendências lançadas pela rainha e o quanto o seguimento destas resultava em uma mulher com um estilo elegante.

É indubitável, portanto, a influência de Maria Antonieta no modo de se vestir de suas contemporâneas e também de francesas de outras gerações. Vide o caso

do redingote masculino (Casaco ou paletó longo que possuíam a parte traseira dividida, detalhe que facilitava a montaria), somente após alguns anos da estreia de Maria Antonieta vestindo traje de amazona com algumas peças do vestuário masculino, que o uso destas peças tornou-se sinal de elegância feminina. Mais uma vez, a rainha se encontrava a frente de seu tempo. Lançou e firmou tendências tanto para as mulheres do presente quanto para as do futuro.



## **6. MARIA ANTONIETA E AS MULHERES DA POLÍTICA ATUAIS**

Como já descrito, a primeira-dama é o maior ícone feminino que uma nação pode ter. Desta forma, é comum vermos essa afirmação no que se diz respeito à maneira de se vestir dessas mulheres.

Assim como Maria Antonieta, houve inúmeras outras mulheres da política, como presidente, primeiras-damas, rainhas, ministras e etc que ficaram famosas não só pela sua atuação política, mas também com o modo de se vestir. Influenciando toda uma nação (e até mesmo outros países), essas mulheres lançaram tendências com suas atitudes de moda.

Desta forma, é imprescindível a relação de Maria Antonieta com tais figuras. Mesmo com o passar de séculos, o comportamento das lançadoras e consumidoras de moda continuam praticamente os mesmo.

### **6.1. JACQUELINE KENNEDY: SUBLIME ELEGÂNCIA**

Se a França teve Maria Antonieta como um dos principais ícones de moda oriundo da política, Jacqueline Kennedy foi esta representante nos Estados Unidos.

Mulher do presidente John Kennedy, que regeu os EUA entre os anos de 1961 a 1963, Jackie era símbolo de elegância, pois sempre se vestia impecavelmente. “Jackie foi um dos maiores ícones de toda a história da moda. Ela teve, e ainda tem profunda influência sobre a maneira como toda uma geração gostaria de se vestir e até de se comportar” (BOWLES apud PIMENTA, 2001). Além deste comentário feito pelo editor Hamish Bowles, também temos o

relato de TRINDADE (2004) identificando a primeira-dama como a “mais querida, a mais fotografada e a mais copiada de todas”.

Do mesmo modo que Maria Antonieta, Jackie lançou inúmeras tendências, como: enormes óculos escuros, sapatos baixos, luvas brancas, colar de três voltas de pérolas e os famosos *tailleurs* (palavra francesa que designa o conjunto de paletó com saia) Chanel.



Jacqueline vestindo as famosas luvas brancas. Fonte: fashionindie.com. Acesso em 29/09/2012.

Outra grande peça-chave utilizada pela primeira-dama americana eram os vestidos *riding coats*, ou no português, casaco de cavalgar. Ou seja, estes vestidos possuíam um redingote semelhante aos encontrados nos casacos de montaria usado pelos homens. Portanto, através desta tendência lançada por Jacqueline é possível relacioná-la com os famosos trajes masculinos de montaria usados por Maria Antonieta e que anos depois tornou-se moda entre as francesas.



Os *riding coats* de Jacqueline Kennedy. Fonte: [thefashionspot.com](http://thefashionspot.com), acesso em 29/09/2012.



Maria Antonieta com seu traje “masculinizado” de amazona. Fonte: [gogmsite.net](http://gogmsite.net), acesso em 28/09/2012.

Além deste fato semelhante a rainha da França, Jackie também passou por uma situação parecida com a primeira.

A mulher que representava a pátria Estados Unidos possuía uma forte paixão por marcas francesas, como Givenchy e Chanel. Porém, para evitar críticas por parte do povo americano em acusa-la de somente usar roupas de estilistas franceses, Jacqueline fez parceria com um estilista americano chamado Oleg Cassini, mesmo muitas vezes copiando o estilo das grandes marcas da França, este agradava tanto o estilo da primeira-dama quanto do povo estadunidense.

Este fato é de fácil associação com a rainha francesa, pois a mesma sofrera duras críticas em relação ao uso excessivo de tecidos estrangeiros. Porém, mesmo criando incentivos para aumentar a produção de tecidos franceses, a antipatia pela rainha já estava afirmada no povo francês. Ao contrário de Jacqueline, que após a aliança com o Oleg, consolidou-se como uma das primeiras-damas mais simpática e de estilo único.

Porém, mesmo com algumas pequenas diferenças, é inevitável a relação do poder de vestuário de Jacqueline Kennedy com o de Maria Antonieta, e de como as suas atitudes que envolviam a moda refletiam no povo de seus países.

## **6.2. LADY DIANA: ÍCONE FASHION DAS DÉCADAS DE 80 E 90**

No ano de 1981, a plebeia Diana Frances Spencer casa-se com o príncipe da Inglaterra, Charles Philip Arthur George. Assim como a Maria Antonieta, Lady Di, como mais tarde ficou conhecida, tornou-se uma grande lançadora de tendências e referência no mundo da moda até os dias atuais.

Desde o início de seu legado, a princesa atraiu os olhos de todo o mundo pelo seu modo de vestir. Já em seu casamento, ela ousa com a calda de seu vestido, o qual media 7, 62 metros. Dividindo muitas opiniões, alguns afirmavam que era a atitude da noiva fora muito presunçosa, outras simplesmente amaram.

Lady Di adotou um estilo mais clássico e ostentante, evidenciado principalmente pela quantidade de volume, ombreiras e bordados. O foco do vestuário passa a ser a parte superior do corpo (o que caracteriza a maior parte de suas coordenações de peças e vestidos), assim como as mangas volumosas (furo da década de 80) como a bufante (*poufy*), a sino e a tulipa. As golas também eram o foco de sua produção, principalmente com o uso de laços, finalizando-a e gola de marinheiro. (SOUZA, 2011)

A cada aparição pública, Diana lançava uma nova tendência, e a imagem de elegância real despertava nas mulheres de todo o mundo o desejo de se vestir como ela. Em 1985, por exemplo, ela vestiu para uma elegante ocasião um vestido feito pelo designer inglês Bruce Oldfield. Esta requintada peça apresentava mangas bufantes, denominadas de *poufy*. Tal nome remete aos volumosos penteados de Maria Antonieta, e assim como eles, as mangas *poufy* tornaram-se tendências em todo o mundo.



Princesa Diana e o vestido com as mangas bufantes de Bruce Oldfield. Fonte: [vogue.co.uk](http://vogue.co.uk), acesso em 30/09/2012.

Outra moda lançada por Lady Di que nos alude a rainha francesa, foi o seu corte de cabelo. Da mesma maneira que os gigantes *poufs* fizeram enorme sucesso entre as francesas do século XVIII, o corte de cabelo curto e volumoso de Diana teve o mesmo resultado nas mulheres das décadas de 80 e 90.

Após seu casamento, assim como Maria Antonieta, Lady Di caminhou por diversos estilos, desde um visual repleto de acessório evoluindo para algo mais simples e minimalista.



No início do seu legado, Diana abusava dos acessórios. Fonte: portaisdamoda.com. Acesso em 30/09/2012.



Usando um vestido da Versace, Diana demonstra sua fase mais minimalista em seus looks. Fonte: vogue.uk.com, acesso em 30/09/2012.

Apesar das diversas mudanças de estilo, todas obtiveram sucesso, devido a extrema elegância da princesa, que apesar da sua morte precoce, perpetua como um ícone fashion até os dias atuais.

### **6.3. MICHELLE OBAMA E KATE MIDDLETON: ÍCONE FASHION DA POLÍTICA DOS TEMPOS ATUAIS**

Assim como no passado, atualmente também há inúmeros ícones da moda e lançadoras de tendências que fazem parte de famílias reais ou esposas de importantes presidentes, ou até mesmo mulheres que exercem esta última função. Como no caso da presidente da Argentina Cristina Kirchner, que desde a sua campanha para se eleger em 2007, seus cabelos achocolatados viraram moda entre as argentinas.

Mesmo entre tantos nomes, as figuras públicas que mais se destacam atualmente são: Michelle Obama, mulher do então presidente dos Estados Unidos e Kate Middleton, esposa do príncipe do Reino Unido William.

A primeira já foi capa da revista Vogue, e de acordo com CIMENTI (2011) “(...)nenhuma primeira-dama que veio depois de Jacqueline Kennedy recebeu tanta atenção e foi considerada tão popular quanto a atual, Michelle Obama(...)”.





Capa da Vogue de março de 2009. Fonte: huffingtonpost.com, acesso em 04/10/2012.

Além de seu carisma, Michelle desde o início das campanhas de seu marido para presidência, vem chamando a atenção do mundo pelo seu modo de se vestir. Como prova disso são os diversos sites existentes, como o <http://www.mrs-o.org> que descreve o estilo da primeira-dama, identificando os designers das roupas usadas por ela.

Juntamente com seu estilo elegante, Michelle conquista o povo americano na escolha de seus estilistas que em sua grande maioria são americanos, e também por montar seu visual misturando peças de grifes mais renomadas com outras oriundas de lojas populares que chegam a custar menos de 50 dólares. Dessa maneira, seu bom gosto e estilo refinado também se tornam acessível a grande parte dos americanos que a imitam copiosamente.





Michelle Obama vestindo suéter da GAP (loja popular dos EUA). Fonte: mrs-o.com, acesso em 06/10/2012.

Outra característica fashion da primeira-dama é a escolha de estilistas iniciantes provocando assim a ascensão destes. Como exemplo, podemos citar o jovem estilista Jason Wu, que ganhou imensa visibilidade e prestígio após a aparição de Michelle usando seus vestidos em eventos importantes.

Tal atitude nos remete a grande relação que Maria Antonieta possuía com a sua “estilista” Rose Bertin. A grande responsável pelo imenso sucesso de Rose, fora Maria Antonieta que por ser adepta fiel a *marchande de mode* exibia com grande frequência os modelos desenvolvidos por ela. Como consequência, Bertin passou a ser reconhecida e altamente requisitada pela nobreza e a alta-burguesia que tentava imitar a rainha francesa.



Michelle Obama vestindo Jason Wu em uma das cerimônias de posse do seu marido. Fonte: blog.unifebe.edu.br, acesso em 06/10/2012.

A duquesa Kate Middleton também conquistou o mesmo patamar de trendsetter como Michelle Obama. Assim como a primeira-dama americana, Kate adota um estilo simples e fácil, também misturando peças de roupas de grande grifes com peças de lojas de departamento populares.



Kate Middleton usando vestido Zara. Fonte: osoblog.tv, acesso em 06/10/2012.

O estilo da duquesa é atualmente copiado pelas mulheres ao redor do mundo. Um grande exemplo é o sapato nude muito usado por ela. Apesar do escaupim de Kate ser da marca LK Bennet, e custar 195 libras, a empresa Marks & Spencer criou um modelo semelhante custando apenas 19,50 libras. O sucesso do sapato é tão grande, que em média, são vendidos um par a cada dois minutos.



Escarpim da LK Bennet usado por Kate. Fonte: modaspot.abril.com.br, acesso em 07/12/2012.

Apesar de serem consideradas lançadora de tendências, como Maria Antonieta foi no século XXVIII, muitos as agregam a este título devido a simplicidade e facilidade de seus visuais. Diferente de Maria Antonieta que viveu grande parte da sua vida baseada em um estilo carregado, repleto de detalhes e acessórios.

## 7. CONCLUSÃO

Como relatado na introdução desse trabalho, o objetivo deste é estabelecer as relações entre uma das primeiras mulheres *trendsetters* do mundo, a última rainha da França, Maria Antonieta com as mulheres públicas e atuantes no poder dos dias atuais e das décadas passadas.

Maria Antonieta sem dúvidas foi uma figura altamente relevante na história da moda. Pode-se afirmar este fato através das diversas revoluções no vestuário das mulheres do fim do século XVIII causadas por ela.

A última rainha francesa foi umas das primeiras mulheres a trajar roupas do vestuário masculino e assumir sua apreciação por elas identificando assim sua emancipação como mulher, muito antes de Coco Chanel e Marlene Dietrich realizarem o mesmo no século XX. Caminhou por diversos estilos durante a sua vida, desde visuais mais pitorescos e exagerados, como seu famoso penteado *pouf* até estilos mais bucólicos, como o uso da *gaulle*.

Além das diversas mudanças que ela causou na moda francesa, Maria Antonieta também disseminou com êxito todas as modas que lançou. Sabemos que o marketing de moda só viria muitos séculos após a existência da rainha, porém ela utilizou de exímias estratégias a fim de facilitar a cópia do seu estilo. Como o uso dos serviços da *marchande de mode*, Rose Bertin, a qual não servia exclusivamente a corte e sim a todo público que possuísse capital para utilizar os seus serviços. Outra grande estratégia também foram as Pandoras, as bonecas que possuíam a altura e aparência semelhante à rainha e viajavam ao redor do mundo vestindo os modelos usados por Maria.

Portanto, além de ser uma bonita rainha de um influente país do século XVIII, Maria Antonieta causava comoção pública com cada nova moda que lançava e através de seu título e de suas estratégias na moda, despertava nas mulheres o desejo de ser como ela. Logo cabe a rainha o título de *trendsetter*.

Não diferente da postura das mulheres do século XVIII, também se percebe o mesmo comportamento destas durante o século XX e XXI. Tanto por parte das consumidoras quanto das mulheres públicas e atuantes no poder.

No início dos anos 60, Jacqueline Kennedy, a primeira-dama dos Estados Unidos, tornou-se ícone de moda mundial. Ela também adotou peças baseadas na roupa de montaria masculina, como Maria Antonieta. Sem contar as outras inúmeras peças, como as luvas brancas e óculos gigantescos que viraram desejo de consumo por parte do sexo feminino.

A princesa Diane, a mulher do príncipe inglês Charles, também chamou a atenção do mundo nos anos 80 através do seu estilo. Ela, assim como a última rainha da França, caminhou por diversos estilos. No início desfilava com modelos mais carregados e já no fim da vida adotou um estilo mais *clean* – simples em inglês. Lady Di também lançou inúmeras tendências, as quais eram imediatamente copiada pela mulheres ao redor do mundo.

Hoje também há exemplos de *trendsetters* que participam da política. O estilo de Michelle Obama e Kate Middleton é fonte de inspiração tanto pelas mulheres quanto para marcas e lojas, pois o que elas vestem logo viram objeto de desejo. Elas também apoiam estilista iniciantes causando maior visibilidade a estes, como no caso do estilista Jason Wu, que ganhou maior fama após a aparição pública de Michelle usando um vestido desenhado por ele em uma importante cerimônia. Tal atitude é de fácil assimilação a Maria Antonieta, que também foi responsável pela fama de Rose Bertin.

Desta forma, é pertinente afirmar que mesmo após séculos, a postura adotada em relação à moda pelas mulheres públicas e atuantes no poder e o público continuam a mesma. Desde Maria Antonieta, tais mulheres continuam a exercer fascinação no mundo através da maneira de se vestir e assim tornando-se *trendsetters* e influentes na moda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIDREIRA, Renata P. *Os Sentidos da Moda*. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2006. Disponível em: <  
<http://books.google.com.br/books?id=JaJUnqibx8YC&printsec=frontcover&dq=sentido+da+moda&hl=pt-BR&sa=X&ei=9BWRUP6CHu-90QGx5IGYcW&ved=0CDUQ6AEwAA#v=onepage&q=sentido%20da%20moda&f=false>>. Acesso em 03/09/2012.

CIMENTI, Carolina. *EUA: Michelle é a primeira-dama mais popular desde Jackie Kennedy*. Disponível em:  
<http://ultimosegundo.ig.com.br/visitaobama/eua+michelle+e+a+primeiradama+mais+popular+desde+jackie+kennedy/n1238177273540.html>. Acesso em: 21/10/2012.

DISRAELI, Isaac. *Domestic anecdotes of the French nation, during the last thirty years, indicative of the French revolution*. Londres: J. Murray, 1800. Disponível em:  
 <[http://books.google.com.br/books?id=YMIAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=YMIAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 11/09/2012.

LEVER, Evely. *Maria Antonieta – A última rainha da moda*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LIMA, Laura F. *Maria Antonieta entre o rococó e a Revolução*. Disponível em:  
[http://www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes\\_moda&id=249](http://www.modamanifesto.com/index.php?local=detalhes_moda&id=249). Acesso em 20/08/2012.

LOPES, Renato J. *Maria Antonieta: A última rainha*. Disponível em: <  
<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/maria-antonieta-ultima-rainha-435058.shtml>>. Acesso em 06/08/2012.

MARTINEZ, Luciana. *Política e moda, uma relação antiga, mas pouco comentada*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/politica-moda-uma-relacao-antiga-mas-pouco-comentada-4125950#ixzz2Asy0Ptod>. Acesso em: 27/09/2012.

MONIZ, Graça C. *Marie Antoinette: a madonna do século XVIII*. Disponível em: <  
[http://obviousmag.org/archives/2012/07/marie\\_antoinette\\_a\\_madonna\\_do\\_seculo\\_xviii.html](http://obviousmag.org/archives/2012/07/marie_antoinette_a_madonna_do_seculo_xviii.html)>. Acesso em: 10/09/2012.

PALOMINO, Erika. *Big Bang: é aqui as modas nascem*. Revista *Veja*, São Paulo, mai. 2005. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/especiais/estilo\\_2005/p\\_076.html](http://veja.abril.com.br/especiais/estilo_2005/p_076.html)>. Acesso em: 15/09/2012.

PEDROSA, Julieta. *Os diamantes de Maria Antonieta*. Disponível em: <<http://www.joiabr.com.br/artigos/mar07.html>>. Acesso em 12/09/2012.

PERITO, Renata Z.; RECH, Sandra R. *Muito Além da Superfície. Modapalavra E-periódico*, [S.l.], ago-dez 2009. Disponível em: [http://argeu.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao4/files/3\\_ensaio\\_perito\\_e\\_rech.pdf](http://argeu.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao4/files/3_ensaio_perito_e_rech.pdf). Acesso em: 18/09/2012.

PIMENTA, Angela. *Eternamente chique: A elegância sublime de Jacqueline Kennedy é celebrada em exposição de museu*. Revista *Veja*, São Paulo, mar. 2001. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/140301/p\\_118.html](http://veja.abril.com.br/140301/p_118.html)> . Acesso em: 28/09/2012.

*Sapatos nude usados por Kate Middleton são hit de vendas*. Disponível em: <http://modaspot.abril.com.br/gente/gente-modelos-celebridades/sapatos-nude-usados-por-kate-middleton-sao-hit-de-vendas>. Acesso em: 07/10/2012.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luis XIV*. *Rev. Antropol.* [online]. 2000, vol.43, n.1, pp. 257-261. ISSN 0034-7701. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012000000100010>. Acesso em: 06/08/2012.

SIECZKOWSKI, Cavan. *Kate Middleton Style: How The Duchess Echoes Jackie O, Princess Diana and Audrey Hepburn*. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/kate-middleton-style-how-duchess-echoes-jackie-o-princess-diana-and-audrey-hepburn-photos-554972>>. Acesso em: 10/10/2012.

SOUSA, Milene Loiz. *O estilo da Princesa Diana, mãe do Príncipe William*. Disponível em: <http://www.portaisdamoda.com.br/noticiaInt~id~23311~n~o+estilo+da+princesa+diana+mae+do+principe+william.htm>. Acesso em: 30/09/2012.

STEELE, V. (Ed.) *The Encyclopedia of Clothing and Fashion*. Vol.3. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005.

THURMAN, Judith. *Vestida para arrasar*. Revista *Piauí*, São Paulo, mar. 2007. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-6/moda/vestida-para-arrasar>>. Acesso em: 05/08/2012.

TRINDADE, Eliane. *Jackie Kennedy*. *Revista Istoé Gente*, São Paulo, mai. 2004. Disponível em: < <http://www.terra.com.br/istoegente/250/moda/index.htm>>. Acesso em: 28/09/2012.

WEBER, Caroline. *Rainha da Moda: Como Maria Antonieta se vestiu para revolução*. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ZWEIG, Stefan. *Maria Antonieta*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1951.

### **IMAGENS:**

<http://ladyreading.net>

<http://chambredescouleurs.france-i.com>

<http://alisonwaters.wordpress.com>. Acesso em 05/09/2012.

<http://juliapetit.com.br>. Acesso em 05/09/2012.

<http://gutenberg.org>. Acesso em 07/09/2012.

<http://oglobo.globo.com>. Acesso em 10/09/2012.

<http://obviousmag.org>. Acesso em: 10/09/2012.

<http://christies.com>. Acesso em 12/09/2012.

<http://corsetsandcrinolines.com>. Acesso em 12/09/2012.

<http://tarabradford.com>. Acesso em 12/09/2012.

<http://thefashionhistorian.com>, acesso em 17/09/2012.

<http://fashionbubbles.com>. Acesso em 28/09/2012.



<http://gogmsite.net>. Acesso em 28/09/2012.

<http://cosmopolitan.com>. Acesso em 29/09/2012.

<http://ekduncan.com>. Acesso em 29/12/2012.

<http://fashionindie.com>. Acesso em 29/09/2012.

<http://thefashionspot.com>. Acesso em 29/09/2012.

<http://vogue.co.uk>. Acesso em 30/09/2012.

<http://portaisdamoda.com>. Acesso em 30/09/2012.

<http://huffingtonpost.com>. Acesso em 04/10/2012.

<http://mrs-o.com>. Acesso em 06/10/2012.

<http://blog.unifebe.edu.br>, acesso em 06/10/2012.

<http://osoblog.tv>. Acesso em 06/10/2012.

<http://modaspot.abril.com.br>. Acesso em 07/12/2012.

